



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE FONOAUDIOLOGIA
CURSO DE FONOAUDIOLOGIA**

BIANCA BOGARIN BARRETO

**O DESENVOLVIMENTO DA NARRATIVA NA
CRIANÇA SURDA**

Salvador
2017

BIANCA BOGARIN BARRETO

**O DESENVOLVIMENTO DA NARRATIVA NA
CRIANÇA SURDA**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Fonoaudiologia, Instituto de Ciências da Saúde, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de bacharel em Fonoaudiologia.

Orientadora: Prof. Dra. Desirée De Vit Begrow.

Salvador
2017

SUMÁRIO

1	Folha de Identificação.....	3
2	Resumo e Palavras-chave.....	4
3	Abstract e Keywords.....	5
4	Resumen e Palabras clave.....	6
5	Introdução.....	7
6	Apresentação do Caso Clínico.....	8
7	Discussão.....	10
8	Considerações Finais.....	23
	Referências Bibliográficas.....	24
	APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Para a participação da criança na pesquisa.....	27
	APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Para a participação do responsável na entrevista.....	31
	APÊNDICE C - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.....	35
	APÊNDICE D – Entrevista.....	37
	APÊNDICE E – Ficha de caracterização.....	39
	ANEXO 1 – Instruções aos autores.....	41
	ANEXO 2 – Cópia da aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa.....	47
	ANEXO 3 - Projeto do Trabalho de Conclusão de Curso.....	58

1. Folha de Identificação

O desenvolvimento da narrativa na criança surda

The development of the narrative in the deaf child

El desarrollo de la narrativa en niños sordos

Autores:

Bianca Bogarin Barreto¹, Desirée De Vit Begrow²

¹ Curso de Fonoaudiologia, Departamento de Fonoaudiologia, Instituto de Ciências da Saúde, Universidade Federal da Bahia – UFBA – Salvador (BA) Brasil.

² Departamento de Fonoaudiologia, Instituto de Ciências da Saúde, Universidade Federal da Bahia – UFBA – Salvador (BA) Brasil.

Trabalho realizado no Centro Docente Assistencial de Fonoaudiologia – CEDAF, Instituto de Ciências da Saúde - ICS/UFBA.

Contato: Bianca Bogarin Barreto

Endereço: Av. Reitor Miguel Calmon s/n, Vale do Canela, 40110-902, Salvador.

Endereço eletrônico: biabogarin@hotmail.com

2. Resumo

A narrativa surge naturalmente durante o processo de desenvolvimento da linguagem, na interação entre a criança e a família durante os diálogos e relatos cotidianos. Para crianças surdas, filhas de pais ouvintes, essa interação é prejudicada pela falta de acesso à língua de seus familiares, levando, muitas vezes, a um contato tardio com a Língua de Sinais. Este estudo buscou observar e compreender o discurso narrativo de duas crianças surdas, filhas de pais ouvintes, que entraram em contato com a Língua de Sinais tardiamente. Para isto, foi realizado um encontro com estas crianças, e apresentada uma história em vídeo, que após exibida deveria ser recontada em Língua de Sinais. A criança mais velha, em uso dessa língua há mais tempo e de forma mais frequente, apresentou uma narrativa bem construída, fazendo bastante uso da Língua de Sinais. A mais nova, entretanto, demonstrou um vocabulário reduzido, fazendo mais uso de mímicas para reproduzir as ações dos personagens enquanto acompanhava a história. Os resultados demonstraram como o contato tardio e não frequente com a Língua de Sinais compromete o desenvolvimento da linguagem da criança surda, implicando em dificuldades para contar histórias e relatar acontecimentos passados. É fundamental o contato com pessoa fluente em Língua de Sinais desde cedo e que as famílias destas crianças, principalmente os pais, busquem se apropriar desta língua, possibilitando o seu uso no ambiente doméstico em todas as interações com a criança, para que ela possa significar a língua e utilizá-la adequadamente.

Palavras-chave: Surdez; Fonoaudiologia; Linguagem; Narrativa.

3. Abstract

The narrative arises naturally during the process of language development, in the interaction between the child and the family during dialogues and daily reports. For deaf children, daughters of hearing parents, this interaction is hampered by the lack of access to the language of their relatives, often leading to late contact with the Sign Language. This study sought to observe and understand the narrative discourse of two deaf children, daughters of hearing parents, who came into contact with the Sign Language late. For this, a meeting was held with these children, and a video story was presented, which after being screened should be retold in Sign Language. The older child, in use of this language for longer and more frequently, presented a well-constructed narrative, making much use of the Sign Language. The younger one, however, demonstrated a reduced vocabulary, making more use of mimics to reproduce the actions of the characters while accompanying the story. The results showed how late and infrequent contact with Sign Language compromises the development of the language of the deaf child, implying difficulties in telling stories and reporting past events. Contact with a person who is fluent in Sign Language is essential at an early age and that the families of these children, especially the parents, seek to appropriate this language, enabling their use in the home environment in all interactions with the child, so that it can mean the language and use it properly.

Keywords: Deafness; Speech, Language and Hearing Sciences; Language; Narrative.

4. Resumen

La narrativa surge naturalmente durante el proceso de desarrollo del lenguaje, en la interacción entre el niño y la familia durante los diálogos y relatos cotidianos. Para niños sordos, hijas de padres ouvintes, esa interacción es perjudicada por la falta de acceso a la lengua de sus familiares, llevando, muchas veces, a un contacto tardío con la Lengua de Señas. Este estudio buscou observar y comprender el discurso narrativo de dos niños sordos, hijas de padres ouvintes, que entraron en contacto con la Lengua de Señas tardíamente. Para esto, fue realizado un encuentro con estos niños, y presentada una historia en vídeo, que después de exhibida debería ser recontada en Lengua de Señas. El niño más viejo, en uso de esa lengua hace más tiempo y de forma más frecuente, presentó una narrativa bien construida, haciendo bastante uso de la Lengua de Señas. De más nueva, sin embargo, demostró un vocabulario reducido, haciendo más uso de mímicas para reproducir las acciones de los personajes mientras acompañaba la historia. Los resultados demostraron como el contacto tardío y no frecuente con la Lengua de Señas compromete el desarrollo del lenguaje del niño sordo, implicando en dificultades para contar historias y relatar acontecimientos pasados. Es fundamental el contacto con persona fluente en Lengua de Señas desde pronto y que las familias de estos niños, principalmente los padres, busquem apropiarse de esta lengua, posibilitando su uso en el ambiente doméstico en todas las interacciones con el niño, para que ella pueda significar la lengua y utilizarla adecuadamente.

Palabras clave: Sordera; Fonoaudiología; Lenguaje; Narrativa.

5. Introdução

A narrativa emerge durante o processo de desenvolvimento da linguagem, e é por seu intermédio que a criança começa a fazer uso de estruturas linguísticas apropriadas para a representação das relações temporais entre os eventos¹. A presença de um interlocutor adulto se faz importante quando se leva em consideração que é a partir da fala do outro, geralmente dos pais, que a criança inicia suas experiências enquanto narradora¹. De acordo com a perspectiva sócio-histórico cultural, inicialmente a criança se apropria dos conhecimentos através da imitação, para assim desenvolver e interiorizar a linguagem, construindo seu pensamento até conseguir se expressar sozinha^{1,2,3}.

As crianças ouvintes em contato com a língua falada começam a falar sobre eventos passados aos dois anos de idade^{4,5}. Essas narrativas, entretanto, são descontextualizadas, utilizadas para narrar a progressão de eventos ocorridos no passado⁵. Com o passar do tempo as narrativas das crianças vão sofrendo transformações, tornando-se mais ricas e complexas até que elas assumem totalmente o papel de narradoras e suas histórias se assemelham às narrativas dos adultos^{6,7}. Sendo assim, o adulto vai, gradativamente, diminuindo seu papel na assistência ao desenvolvimento da narrativa na criança visto que, inicialmente, ele funciona como modelo, conduzindo o processo de narração e assumindo coautoria, até que finalmente a criança esteja apta a realizar a tarefa sozinha⁷. De acordo com Rogoff^a, em 1990, quando o adulto integra a criança em suas próprias atividades, permitindo sua participação ativa, ou, simplesmente que ela o ouça e veja, está contribuindo para o desenvolvimento de sua compreensão enquanto ela aprende observando⁷. Os adultos próximos da criança, portanto, desempenham um papel específico no que diz respeito ao desenvolvimento de sua habilidade para narrar⁷.

Para crianças surdas, filhas de pais ouvintes não usuários da Língua de Sinais (LS), as oportunidades para que ocorra a interação dialógica necessária entre ela e o adulto não ocorre da mesma maneira natural como acontece com as crianças ouvintes, visto que, muitas vezes, as crianças surdas não tem acesso à língua utilizada por seus familiares ouvintes e portanto, não terão a oportunidade de estar em contato constante com a fala do outro em momentos que favoreceriam sua evolução como narradora, tais como contar histórias, narrar atividades cotidianas e conversas ao longo do dia¹.

Pesquisas sobre a narrativa costumam ter como foco principal crianças ouvintes, sendo, portanto, escassos no que se refere às crianças surdas que se comunicam por meio da LS¹. Os estudos que visam compreender o desenvolvimento da linguagem de crianças surdas, geralmente focalizam apenas o modo como os sinais são por elas apropriados e como são combinados na construção de seus enunciados¹. Deste modo, faz-se necessário e pertinente um aprofundamento nesta área para que seja melhor explorada, a fim de que os processos de desenvolvimento da linguagem e da narrativa dessas crianças sejam mais estudados e discutidos¹.

Apesar de serem encontrados poucos estudos que enfoquem a narrativa de crianças surdas em Língua de Sinais, as pesquisas encontradas são unânimes ao retratar ou apontar a necessidade de que a criança receba, o mais cedo possível, um *input* linguístico adequado através do contato precoce com surdos usuários da LS.

^a Rogoff B. Apprenticeship in thinking: cognitive development in social context. Nova York: Oxford University Press; 1990 apud ⁷.

Segundo Lodi^b, em 2000, a única forma de permitir a entrada dos sujeitos surdos na linguagem, bem como de constituí-los como sujeitos linguísticos, é através da Língua de Sinais¹, que deve ser desenvolvida o mais cedo possível e de maneira natural, através do contato com adultos surdos usuários desta língua¹. É fundamental, também, que a criança vivencie experiências de narrativas utilizando a Língua de Sinais e que, portanto, constituam-se como interlocutores efetivos nessa língua¹. Ao assumir o papel de narrador a criança faz uma reelaboração da história de acordo com seu conhecimento de mundo e toma como base outras que já lhe foram contadas, assumindo papéis ativos durante a reconstrução e fazendo um uso efetivo da Língua de Sinais⁸. A oportunidade de recontar histórias favorece a organização do pensamento da criança⁹.

As línguas de sinais e as línguas faladas têm processos de aquisição semelhantes, sendo assim, as crianças surdas, filhas de pais surdos, têm acesso à Língua Brasileira de Sinais (Libras) porque usam a mesma língua de seus pais¹⁰. Além disso, os pais não usam a Libras somente com a criança, mas para se comunicarem entre eles e com outras pessoas, sendo assim, nesses casos, a linguagem se desenvolve de forma natural e rica¹⁰. Crianças surdas e ouvintes se desenvolvem seguindo o mesmo percurso, com o mesmo tempo de maturação, cumprindo as mesmas fases e apresentando as mesmas possibilidades de criação de sistemas linguísticos complexos, desde que às crianças surdas, tal como às ouvintes, seja fornecido um *input* linguístico adequado às suas necessidades¹¹. A família e seu filho surdo tem o diálogo dificultado pela barreira da comunicação existente entre eles, reduzindo consideravelmente as práticas sociais de convívio com a narração de histórias e acontecimentos, sendo assim, se as crianças surdas tiverem a possibilidade de ouvir histórias contadas em Língua de Sinais desde muito cedo, as dificuldades encontradas pelos surdos na estruturação de uma narrativa podem ser diminuídas¹².

Este estudo pretende, portanto, compreender a produção de narrativas em crianças surdas usuárias da Língua de Sinais, tendo como foco a função que este tipo de discurso exerce na construção do sujeito, seja ele surdo ou ouvinte. A narrativa é um tipo específico de discurso e possui diversos subtipos¹³. Entretanto, é importante ressaltar que o olhar sobre a narrativa, nesta pesquisa, busca utilizar apenas uma de suas possibilidades, o relato de histórias, para observar como as crianças participantes se comportam diante da necessidade de narrar. Tanta importância ao discurso narrativo se dá visto que narrar nos permite dar ordem e coerência às nossas experiências¹³. Diante da importância da narrativa na vida do sujeito e de o mesmo saber desempenhar corretamente o papel de narrador, este trabalho busca compreender como as crianças surdas, que nem sempre crescem tendo um *input* linguístico adequado, por não terem sido expostas de maneira efetiva a um tipo de linguagem convencional (o português ou a Língua de Sinais) desde a mais tenra idade, desenvolvem a função de narrar usando a língua sinalizada.

6. Apresentação do Caso Clínico

O presente estudo trata de um Estudo de Caso e será desenvolvido analisando duas crianças surdas atendidas na Clínica Escola do Curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal da Bahia (Centro Docente Assistencial de Fonoaudiologia -

^b Lodi ACB. Educação Bilíngüe para surdos. In: Lacerda CBF, Nakamura H, Lima MC [editores] Fonoaudiologia: Surdez e Abordagem Bilíngüe. São Paulo: Plexus; 2000 apud ¹.

CEDAF). Estas crianças foram selecionadas a partir dos seguintes critérios: ter nascido surda (perda auditiva de grau severo a profundo bilateralmente), estudar em escola de surdos e ter entre 5 e 12 anos de idade. Os nomes das crianças participantes foram substituídos por nomes fictícios a fim de preservar a identidade dos mesmos atendendo aos critérios éticos.

Os sujeitos participaram da investigação na coleta de dados após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa sob o parecer nº 1.887.245 e mediante a assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A) e do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE C). Inicialmente foi realizada uma entrevista (APÊNDICE D) com os responsáveis pelas crianças a fim de se obter maiores informações sobre a presença da Língua de Sinais e das práticas narrativas no cotidiano dos participantes. Para a realização da entrevista, também foi apresentado um Termo de Consentimento (APÊNDICE B), devidamente assinado pelos responsáveis. Após a entrevista foi feita uma análise dos prontuários de cada uma das crianças, baseando-se em uma ficha de caracterização individual (APÊNDICE E), levando-se em consideração fatores como o uso de Língua de Sinais pelos familiares, a escola em que a criança estuda, entre outras questões consideradas relevantes para um melhor conhecimento dos casos.

Em seguida, foi realizado um encontro com cada criança individualmente, no qual foi oferecido estímulo que eliciasse a narrativa, por meio de uma história^c apresentada em vídeo. A história utilizada não continha falas ou diálogos, sendo possível compreendê-la e interpretá-la apenas de modo visual. As crianças foram, então, solicitadas a recontar, em Língua de Sinais, a história que lhes foi apresentada, sendo possível observar o desenvolvimento de sua narrativa e o uso da linguagem. Estes momentos foram filmados e, posteriormente, transcritos em palavras da Língua Portuguesa, mas preservando a estrutura usada na Língua de Sinais, para que pudessem ser devidamente analisados e a ação com a criança ser minuciosamente interpretada. Para a transcrição foi utilizado o “Sistema de notação em palavras”, proposto por Felipe¹⁴. Cada encontro com as crianças foi realizado por pessoa fluente em Libras, no caso, a pesquisadora responsável pelo estudo e que também é responsável pelo atendimento das crianças no serviço, com o objetivo de promover melhor interação entre o sujeito e interlocutor.

A análise dos dados foi feita de forma interpretativa, descrevendo-se os achados de cada atendimento e os confrontando com a literatura. O primeiro ponto observado através das filmagens das crianças após assistirem ao vídeo, foi a apropriação da LS que cada uma tinha e o quanto este fator interferiu na realização do relato solicitado. Para análise das narrativas considerou-se o relato do filme em si e a sequência temporal desses acontecimentos a fim de avaliar a compreensão e formas de expressão da história pelas crianças, além dos recursos linguísticos utilizados⁹. A qualidade da narrativa em Libras foi também avaliada por meio da análise do uso de classificadores^d e da ampliação da história segundo experiências

^c <https://www.youtube.com/watch?v=W0vuD1hfWAY>

^d O classificador é um tipo de morfema, utilizado através das configurações de mãos para representar alguma propriedade física de uma classe, podendo ser afixados a um sinal para mencionar a classe a que pertence o referente desse sinal, para descrevê-lo quanto à forma e tamanho, ou para descrever a maneira como esse referente se comporta na ação verbal¹⁵.

anteriores⁹. Todos os gestos, expressões, movimentos de corpo e hesitações foram respeitados.

As crianças que atenderam aos critérios de inclusão para este estudo são:

- Gabriel, 11 anos, sexo masculino, filho de pais ouvintes, possui perda auditiva sensorial neural de grau profundo bilateralmente, identificada aos sete meses de idade. A suspeita de problema iniciou aos quatro meses devido a alterações no desenvolvimento motor, quando então, realizou o teste da orelhinha (Emissões Otoacústicas Evocadas Transientes - EOAT). Diante de resultados negativos na realização deste exame foi indicada a realização do PEATE (Potencial Evocado Auditivo do Tronco Encefálico), constatando a perda auditiva. A causa da surdez é desconhecida e não há outros casos na família. Foi indicado o uso de aparelho de amplificação sonora individual (AASI) aos dois anos, porém não se adaptou. Neste período recebeu atendimento interdisciplinar (psicológico e fonoaudiológico) sendo oferecido em LS. O atendimento na Clínica Escola da UFBA iniciou em 2012, a partir dos seis anos, recebendo atendimento fonoaudiológico bilíngue. Nesse período, fazia uso de medicamentos por ter diagnóstico médico de Hiperatividade, porém, com o passar do tempo, à medida que foi desenvolvendo a linguagem, houve alteração significativa em seu comportamento, levando a família a solicitar aos médicos responsáveis a retirada dos medicamentos. Quanto ao processo educacional, frequentou escola regular por aproximadamente um ano (dos dois aos três anos) e por volta dos cinco anos passou a estudar em escola de surdos, iniciando aí o contato com a Língua de Sinais de forma mais efetiva.
- Raphael, 8 anos, sexo masculino, filho de pais ouvintes, possui perda auditiva sensorial neural de grau severo bilateralmente, identificada aos três anos de idade. A suspeita de problema auditivo iniciou por volta de dois anos de idade, pois a criança ainda não falava, apenas apontava e balbuciava, além de não reagir a barulhos ambientes. Foi indicada a realização de audiometria e PEATE, sendo constatada a perda auditiva. A causa da surdez é desconhecida e não há outros casos na família. Após diagnóstico foi indicado acompanhamento fonoaudiológico, no qual permaneceu até os seis anos. Esta terapêutica era de abordagem oralista, não sendo observados resultados satisfatórios pela mãe, que foi orientada a procurar acompanhamento fonoaudiológico bilíngue. Aos seis anos foi matriculado em escola de surdos, iniciando o contato com a LS, e se encontra em acompanhamento na Clínica Escola da UFBA desde o ano de 2015, quando tinha sete anos. Faz uso de aparelho auditivo retroauricular em orelha direita desde os quatro anos de idade, porém não está em uso no momento pelo fato de o aparelho estar em manutenção.

7. Discussão

A partir das entrevistas realizadas com as mães das crianças participantes da pesquisa foi possível extrair informações consideradas relevantes para se compreender tanto a utilização da LS no ambiente doméstico como a relação da criança com a família e sua participação nos diálogos familiares bem como o uso de narrativas em seu cotidiano. Gabriel faz uso da LS em casa com a mãe e alguns familiares (avó, tia e irmão, esporadicamente). O pai tem pouca noção da LS e necessita da ajuda da mãe para intermediar os diálogos com o filho. A mãe relata que a criança demonstra curiosidade e interesse pelas situações que acontecem ao seu

redor, questionando tudo que não compreende, interage bem com a família e não faz uso de gestos caseiros para se comunicar atualmente. No que diz respeito ao uso da narrativa em eventos do cotidiano, mãe e filho costumam contar um ao outro tudo que fizeram durante o dia, porém a mãe não tem o hábito de contar histórias nem incentiva o filho à leitura. A mãe observa um bom desempenho do filho durante o uso da Língua de Sinais, afirmando que o mesmo a ensina quando ela não sabe os sinais. Ao ser questionada sobre sua visão a respeito da surdez, a mãe responde: *“Eu acho que não deve ser bom né, você tá ali no silêncio, eu acho que isso deve sufocar um pouco, porque Gabriel é bastante ansioso, então eu acho que essa ansiedade dele vem também do fato dele querer ouvir, querer falar, entendeu? E não consegue, aí eu acho que isso deixa ele bastante ansioso”* (sic).

A partir do relato da mãe desta criança, observa-se que ela já assume o filho a partir da visão de sua constituição como surdo, enfatizando o desenvolvimento que teve com a LS, contudo, seu olhar a partir da perspectiva ouvinte/audista^e atribui sofrimento ao filho, a partir da ausência do compartilhamento auditivo. No entanto, ressalta-se que na fala da mãe: *“[...] essa ansiedade dele vem também do fato dele querer ouvir, querer falar, entendeu?”* é desconsiderada a “fala” da LS, sendo entendida por ela apenas a oralidade, o que não nos espanta, pois a sociedade em geral, assim atribui.

Raphael utiliza a LS em casa apenas com a mãe, pois o pai não demonstrou interesse em aprender, sendo assim, Raphael ainda recorre ao uso de gestos caseiros e mímica para se comunicar com o pai e familiares. A mãe informa que Raphael questiona pouco sobre as coisas que acontecem ao seu redor e, em ambientes com outras pessoas além dela, costuma ficar olhando para a mesma demonstrando curiosidade por não saber o que se passa. A mãe relata na entrevista que percebe rejeição por parte de parentes próximos, que se afastam por não conseguirem se comunicar com a criança. No que diz respeito ao uso da narrativa, mãe e filho não costumam contar com frequência um ao outro o que fazem durante o dia. A genitora não tem o hábito de contar histórias nem incentiva o filho à leitura e observa que a criança ainda não desenvolve bem a LS durante os diálogos. Ao ser questionada sobre sua visão a respeito da surdez, a mãe responde: *“Eu acho que ele é assim normal né? Uma criança normal. Tem gente que fala “ele é uma criança doente”, aí a psicóloga falou, “ó mãe não deixe falar que seu filho é doente não, ele só não ouve, isso não é uma doença”, então eu acho uma criança normal como outra criança, ele brinca e tudo, só o problema é a surdez”* (sic).

O relato da mãe de Raphael nos permite inferir que a família possui uma visão negativa diante condição da criança, mantendo-se afastada, enxergando a surdez como um empecilho para a convivência entre Raphael e os familiares. Pela falta do interesse do pai e da família em aprender a Língua de Sinais existe a dificuldade de comunicação, que acaba promovendo um certo distanciamento e prejudicando Raphael no desenvolvimento de sua primeira língua, a LS, devido a falta da interação familiar e dos diálogos dentro de casa, ficando, portanto, a criança, restrita ao uso da Libras apenas durante o período da escola e nos atendimentos fonoaudiológicos, visto que, mesmo com a mãe, as conversas em casa ocorrem em poucos momentos.

A partir das entrevistas realizadas com as mães, observa-se que, o fato de os filhos terem uma perda auditiva implica em uma ampla barreira comunicativa com o

^e O audismo para Lane (1992)¹⁶, é a forma de dominação dos ouvintes, reestruturando e exercendo a autoridade sobre a comunidade surda. Neste caso o comportamento audista da mãe reflete analisar desejo do filho a partir da sua própria experiência como ouvinte e não considerando que o ouvir e falar para a pessoa surda não tem a mesma importância.

filho, limitando de forma importante as experiências promovidas à criança, resultando, assim, em poucas possibilidades de ampliação linguística, restritas ao ambiente escolar e clínico, considerando-se o desenvolvimento da criança pela perspectiva bilíngue.

Após assistirem ao vídeo, a pesquisadora solicitou que Gabriel e Raphael, cada um no seu correspondente dia de avaliação, recontassem o que viram. O momento com a criança foi filmado e posteriormente transcrito com o auxílio de pessoa fluente em Libras: a pesquisadora responsável por este estudo e que realizou o encontro com as crianças. Nas transcrições serão utilizadas a letra “P” para indicar as falas e ações da pesquisadora, e as letras “G” e “R”, indicando as falas e ações de Gabriel e Raphael, respectivamente. Salienta-se que pelo Sistema de transcrição em palavras, os verbos são grafados no infinitivo e as palavras que representam a LS, estão grafadas em letras maiúsculas.

Segue abaixo a transcrição do relato feito por Gabriel (em contato direto com a LS há, aproximadamente, seis anos) durante a exibição do vídeo e da narrativa feita após a exibição do mesmo:

Pesquisadora inicia a apresentação do vídeo:

G: DIFERENTE DIFERENTE

P: (Balança a cabeça positivamente) DIFERENTE

G: (Faz um gesto indicando o formato da cara do cachorro admirando-se pelo tamanho em 00:01:18)

EL@ QUERER CACHORR@ DESEJAR PENSAR QUERER EL@ GOSTAR
COMPRAR CACHORR@ BEBÊ EL@
CARO MUITO

POUCO DINHEIRO DINHEIRO

BRIGAR SAIR

MENTIRA^{interrogativa}

P: MENTIRA^{afirmativa}

G: (Aponta para a tela e olha para pesquisadora com expressão de estranhamento no momento em que aparece um personagem novo) VER NUNCA (Repete apontar para tela e expressão de estranhamento)

P: MÃE

G: (A criança demonstra entender a consequência a partir da cena apresentada, antecipando a queda da mãe da Pantera no buraco em 00:04:48)

ANDAR CAIR (Aponta para tela e ri)

MANDAR^EMBORA (Aponta para a tela)

TRABALHAR COMO NERVOS@ OLHAR (Indicando a cena em 00:05:39)

AUMENTAR (Usa configuração de mão em L para expressar que a pedra redonda aumenta de tamanho em 00:05:43)

(Indica a tela com a mão aberta, palma para cima e dedos unidos, chamando a atenção da pesquisadora para a cena que está ocorrendo)

(Aponta para a tela e olha para a pesquisadora sorrindo)

P: QUASE (00:06:22)

G: ENTÃO

MUITO (00:06:33)

P: MUITO

G: IR (00:06:38)

P: LEGAL^{interrogativa}

G: (Balança a cabeça positivamente)

P: AGORA VOCÊ EXPLICAR LIBRAS LEMBRAR COMO (Aponta para a tela)

G: ESPERT@ COMPRAR DINHEIRO OLHAR PENSAR (Indicador para cima e faz expressão de quem lembrou alguma coisa)

COMPRAR IMAGINAR CACHORR@ QUERER ANDAR (Faz como quando a Pantera olha para dentro da bolsa de moedas) DINHEIRO CARO MUITO 200 (Olha na bolsa) GAT@ 50 (Olha na bolsa e balança a cabeça negativamente) RAT@ (Expressão de envergonhado) (Faz movimento expressando o valor do rato, 75, porém, devido à rapidez do movimento, não é possível afirmar a realização do sinal "7" sendo possível apenas identificar o sinal "5") (Olha na bolsa, balança a cabeça negativamente envergonhado) TCHAU (Com expressão envergonhada em 00:07:14)

P: ENTÃO^{interrogativa}

G: VER DINHEIRO (Olha na bolsa) (Abre e fecha a mão como quem pede algo) (Olha na bolsa e coloca a mão na cintura como a reação do vendedor ao ver que a Pantera não tem dinheiro para comprar nenhum dos animais) POUCO

IR (Expressão de fúria como que expulsando a pantera) BRIGAR

DEPOIS LADRÃO^HOMEM (Mão no queixo como que pensativo) COLOCAR DENTRO

CHAMAR ENTÃO DAR

DINHEIRO (Coloca a mão no bolso como quem tira o dinheiro) DAR (Joga os braços para o ar comemorando)

(Coloca as mãos juntas e fechadas perto da orelha e balança, como a Pantera balançando a caixa) ABRIR (Expressão de estranhamento) JOGAR^FORA (Coloca as duas mãos nas bochechas com expressão de surpresa) QUEBRAR ESPATIFAR

FORTE BALANÇAR ESPALHAR COMIDA ESPALHAR ESPALHAR ESPALHAR (Com as mãos próximas ao bolso indicando o local de onde a comida saiu em 00:07:46) BALANÇAR (Bate na cabeça em 00:07:51) DOR (Expressão de dor) PEDRA (Aponta para o pé e faz que pula segurando o pé com expressão de dor) CORRER (00:08:00)

(Faz carinho e abraça a pedra) (Olha para a mão como que olhando para a pedra)

SUJ@ LAVAR (Faz como se estivesse lavando a pedra) GOSTAR-NÃO

P: DEPOIS^{interrogativa}

G: ESQUECER (Expressão pensativa)

MÃE (Neste trecho parece reproduzir a cena da pantera tentando pegar a pedra no cesto e a mãe não deixando 00:08:16) (Faz a ação da pantera puxando a pedra pela corda em 00:08:19)

COMER COMER AUMENTAR (Com configuração de mãos em L – em 00:08:26)

DEPOIS (Faz como que carregando a pedra grande e pesada) CASA QUEBRAR (Faz como a pedra caindo no buraco e coloca as mãos próximas às bochechas com expressão de surpresa) (Faz como alguém batendo na porta, abrindo a porta, entrando e caindo no buraco com as mãos para o ar)

IR (Expressão de bravo) TRISTE (Expressão de tristeza e faz como a Pantera carregando a trouxa de roupa) IR IR (Faz como quem joga a pedra fora) OLHAR

CORRER JUNTO JUNTO JUNTO ENTÃO BRAV@ ANDAR CIMENTO (Faz o sinal alisando a mesa como se fosse o personagem passando o cimento no chão) ANDAR CORRER (Faz como se o pedreiro esbravejasse em 00:09:01)

P: FIM^{interrogativa} (00:09:05)

G: (Balança a cabeça positivamente)

P: FIM^{interrogativa}

G: NÃO

DEPOIS ESQUECI (Fica pensativo em 00:09:09)

(00:09:20) JOGAR NOVAMENTE JOGAR CAIR LEVANTAR CAIR QUEBRAR ESPATIFAR ESPALHAR SAIR CORRER FIM (00:09:29)

P: ENTENDER

PEDRA

G: DUR@

P: PEDRA DUR@ PARECER O-QUÊ^{interrogativa}

G: NÃO^SABER

P: PARECER CACHORR@^{interrogativa}

G: NÃO GOSTAR

P: POR-QUÊ NÃO GOSTAR ^{interrogativa} NÃO GOSTAR ^{interrogativa} DIFERENTE ^{interrogativa}

G: (Balança a cabeça positivamente)

P: POR-QUÊ VER PEDRA LEÃO^ROSA JOGAR PEDRA ^{animal} ANDAR (Usa classificador representando animal andando para dizer que a pedra vai atrás do graveto arremessado como se fosse um cachorro) PEGAR PARECER CACHORR@

G: (Balança a cabeça positivamente com expressão admirada)

P: PARECER ^{interrogativa} VOCÊ COMBINAR ^{interrogativa}

G: JÁ (Balançando a cabeça positivamente)

P: GOSTAR ^{interrogativa}

G: (Balança a cabeça positivamente)

P: PRONTO

Observa-se que Gabriel, durante todo o filme, apresenta reações à história, através de sorrisos e expressões faciais participando da história, além de interagir constantemente com a pesquisadora por meio de comentários e troca de olhares, demonstrando entender o que se passava. Um momento que comprova a compreensão da história por parte da criança é quando esta antecipa uma cena que irá acontecer, ao deduzir que a mãe da Pantera Cor-de-Rosa cairá em um buraco no chão (em 00:04:48). Pode-se observar também que o relato de Gabriel obedece a estrutura de uma história, com princípio, meio e fim, respeitando a sequência temporal dos fatos. Além disso, nota-se que Gabriel prestou atenção em detalhes apresentados rapidamente no início do filme, como os valores de cada animal (em 00:07:14). Durante toda a narrativa Gabriel fez bastante uso da LS, apresentando um vocabulário bom para seu processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem, e fez uso adequado e oportuno de expressões faciais e movimentos corporais. A presença de classificadores foi observada nos momentos em que buscava demonstrar os sentimentos e as ações dos personagens, como, por exemplo, no momento em que olha para a bolsa, remetendo à cena em que a Pantera Cor-de-Rosa procura dinheiro dentro da bolsa de moedas (em 00:07:03). Porém, foi percebida a ausência de classificadores em outros momentos, como para referir a cena em que uma pedra aumenta de tamanho (00:05:43), na qual se percebeu a necessidade de uma melhor descrição do formato do objeto (pedra), que na história é redonda. O que se observou foi um movimento adequado indicando o sinal de “AUMENTAR”, porém com configuração de mão em “L”, mais ideal para referir-se a objetos com forma quadrada.

Observa-se que em Libras a repetição de sinais é um recurso que pode ser utilizado para expressar intensidade¹⁷, assim considera-se esta intenção na repetição do sinal “ESPALHAR” (00:07:46), dando a ideia de que muitas coisas caíram do bolso da Pantera quando esta foi balançada de cabeça para baixo. Em nenhum momento houve ampliação da história baseando-se em experiências anteriores, pois Gabriel se concentrou em contar a história exatamente como ela aconteceu. Outro ponto importante é com relação a não ser totalmente presente a indicação da mudança de personagens, ou seja, há momentos da história em que Gabriel narra sem referir qual personagem está realizando determinada ação, podendo implicar em certa confusão por parte do receptor, caso este não esteja familiarizado com o contexto. Vale ressaltar que Gabriel só necessitou da intervenção da pesquisadora quando demonstrou esquecer pedaços da história, porém logo retomou o relato, sem ajuda, concluindo a narrativa. Apesar de terem sido notadas algumas imprecisões, como movimentos e configurações de mãos inadequados em algumas situações, não se pode negar que

Gabriel apresenta domínio da sua primeira língua, algo muito positivo diante do ambiente doméstico não considerado ideal para o desenvolvimento de sua linguagem (devido ao não contato com pessoa fluente em Libras desde cedo), e do período de atraso para a aquisição da primeira língua (L1).

A partir do exposto, observa-se que Gabriel constitui-se como narrador executando o reconto da história assistida através de sua língua de aquisição natural com riqueza de detalhes, antecipação de fatos por entendimento das situações, organização temporal dos fatos e sem auxílio do interlocutor para o reconto demonstrando o quanto a língua o possibilita exercer esse lugar de interlocutor fluente e capaz.

Abaixo segue a transcrição do reconto de Raphael (em contato com a LS há, aproximadamente, um ano e meio):

Pesquisadora inicia a exibição do vídeo:

R: *(Permanece sério e imóvel durante todo o filme, sem demonstrar nenhuma reação)*

Após a exibição do vídeo:

P: *FIM (00:09:19)*

GOSTAR *interrogativa*

R: *(Balança a cabeça afirmativamente)*

P: *AGORA VOCÊ EXPLICAR EU*

VOCÊ EXPLICAR FILME EU (00:09:28)

R: *(Expressão que não gosta da ideia)*

P: *O-QUE VER* *interrogativa*

R: *(Expressão que não gosta da ideia)*

P: *VER LEÃO^ROSA* *interrogativa (00:09:37)*

R: *(Expressão pensativa e de que não gosta da ideia; vira o rosto para o outro lado, desviando do olhar da pesquisadora)*

P: *(Pesquisadora toca a criança para chamar sua atenção)*

PASSADO FILME VER LEÃO^ROSA OBSERVAR MULHER CAMINHAR CACHORR@ *animal* **CAMINHAR** *animal* **CAMINHAR PARECER MULHER CACHORR@ PARECER LEMBRAR** *interrogativa* **DEPOIS** *interrogativa* **IDEIA QUAL** *interrogativa*

R: *(Expressão de negação, boca de que não sabe, não lembra)*

P: *LEÃO^ROSA IDEIA COMPRAR CACHORR@*

LEMBRAR *interrogativa*

VER FILME NOVAMENTE *interrogativa (00:10:28)*

R: *(Balança a cabeça afirmativamente)*

P: *(Pesquisadora reinicia o vídeo em 00:10:44) (Aproxima a tela do notebook, posicionando para uma melhor visualização) MELHOR* *interrogativa (00:10:55)*

R: *(Balança a cabeça afirmativamente)*

P: *(Pesquisadora pausa o vídeo e apresenta o personagem em 00:10:58) LEÃO^ROSA*

R: *(Dedos polegar e indicador unidos próximos aos lábios e faz movimento com a boca mostrando a Pantera Cor-de-Rosa fumando conforme aparece na abertura do filme em 00:11:02)*

P: *(Pesquisadora repete o movimento com expressão afirmativa) FUMAR FEI@ (Reinicia o vídeo em 00:11:05)*

R: *(Reproduz o movimento de bater em pedra descrevendo a imagem que vê na abertura do filme)*

P: *(A pesquisadora repete o mesmo movimento, confirmando com a cabeça)*

R: *LEÃO (Realiza o sinal, porém de forma imprecisa)*

CACHORR@ (Realiza o sinal, porém de forma imprecisa em 00:11:34)

(Faz um gesto como segurando a coleira, aponta para a tela, executando com o corpo a mesma ação vista na cena) SILÊNCIO (00:11:39) (Coloca a mão no rosto como quem observa escondido, balança o corpo levemente e sorri com a mão alisando o queixo como que pensativo no mesmo momento em que surgem balões no vídeo representando o pensamento da Pantera) CORRER

P: (Pausa o vídeo em 00:11:50) CORRER DE-QUE ^{interrogativa}

R: CORRER LADRÃO

P: LADRÃO ^{interrogativa}

R: (Balança a cabeça negativamente)

P: (Balança a cabeça negativamente com expressão de questionamento) ENTÃO FAZER O-QUE ^{interrogativa}

R: CORRER SILÊNCIO CORRER

P: IR LUGAR QUAL ^{interrogativa}

R: (Balança indicador e polegar como sinal de rapidez em 00:12:06)

P: VER (Espera reação da criança) (Reinicia o vídeo em 00:12:08)

(Pausa o vídeo em 00:12:11)

R: (Franze o rosto) CACHORRO (Realiza o sinal, porém de forma imprecisa em 00:12:15)

P: IR COMPRAR CACHORR@

(Pesquisadora recomeça o filme em 00:12:24)

R: (Balança a cabeça positivamente) CORRER DAR FALAR (Aponta com o indicador para cima no momento em que aparece um balão representando a fala da Pantera, e em seguida para a tela com o indicador) (Configuração de mão em V, significando 2, no momento em que o vídeo mostra o valor do cachorro que é 200 em 00:12:34)

P: (Pausa o vídeo em 00:12:35) CACHORR@ 200 MUITO CARO ^{exclamativa} (Reinicia o vídeo em 00:12:43)

R: 200 (Reproduz a ação do personagem quando olha dentro da bolsa) DINHEIRO (Aponta com o indicador para cima no momento em que aparece um balão representando o pensamento da Pantera em 00:12:49)

P: (Pausa o vídeo em 00:12:50) NÃO-TER

MUITO CARO

R: NÃO-TER

P: EL @ IDEIA OUTRA QUAL ^{interrogativa}

R: (Aponta com o indicador para cima no momento em que aparece um balão representando o pensamento da Pantera)

P: O-QUÊ ISSO ^{interrogativa}

R: GAT@ (Sinaliza com as duas mãos em 00:13:05)

P: GAT@ (Balança a cabeça positivamente) (Reinicia o vídeo em 00:13:06)

R: DAR 50 (Aponta com o indicador para cima no momento em que aparece um balão representando o pensamento da Pantera) NÃO-TER (Realiza o sinal, porém de forma imprecisa em 00:13:11)

P: (Pausa o vídeo em 00:13:14) PORQUE GAT@ TAMBÉM NÃO-TER DINHEIRO ENTÃO PENSAR PEQUEN@-RAT@ (Reinicia o vídeo em 00:13:25)

(Pausa em 00:13:31) HOMEM PERGUNTAR QUAL QUAL-DINHEIRO TER ^{interrogativa} QUAL ^{interrogativa}

R: 10 10

P: 10 (Balança a cabeça positivamente) (Reinicia o vídeo em 00:13:44)

R: 10 10

P: 10 (Balança a cabeça positivamente)

R: JOGAR JOGAR ^{interrogativa}

P: (Balança a cabeça positivamente)

R: (Faz como se pegasse algo no chão e jogasse dentro de algum recipiente, reproduzindo a cena em que o homem coloca a pedra dentro da caixa) (Reproduz a ação do homem ao chamar a Pantera, pedir para esperar e aponta o indicador para

cima quando aparece o balão com a fala do homem) (Balança a cabeça positivamente, assim como a Pantera faz na cena) PRESENTE (00:14:14)

P: (Pausa o vídeo em 00:14:16) **HOMEM VENDER CAIXA PEDRA PARECER CACHORR@**^{interrogativa}

ESPERT@ ENGANAR ENGANAR LEÃO^ROSA

VER (Reinicia o filme em 00:14:36)

R: **DOR** (Toca no pé)

(Reproduz a ação de jogar a pedra para trás)

(Agita os braços como se estivesse nervoso)

P: **BRIGAR**

R: (Repete o sinal **BRIGAR** realizado pela pesquisadora em 00:14:56)

(Agita uma mão reproduzindo a cena em que o açougueiro balança a Pantera no ar)

(Abre a boca com expressão de dor tocando no pé reproduzindo a cena em que a pedra cai no pé do açougueiro)

CASA

(Reproduz a ação de ler o jornal e colocá-lo sobre a mesa) (Reproduz a ação da Pantera ao olhar para a mão e ver que está suja)

BANHO

P: (Pausa em 00:14:26) **BANHO ÁGUA-QUENTE**^{interrogativa}

R: (Balança a cabeça negativamente)

P: (Balança a cabeça negativamente) **TOMAR-BANHO** (Reinicia o filme em 00:14:33)

R: (Estende os braços com as mãos fechadas e balança o corpo, como a Pantera ao correr atrás da pedra e abre as mãos colocando-as rapidamente sobre a mesa, como quando a pedra cai em cima da mesa) (Mão na boca com expressão de surpresa)

DESCULPA^{exclamativa} (Gira a mão como para indicar que a pedra caiu na cesta misturando-se com o que estava dentro; imita a Pantera pegando a pedra na cesta; bate em uma mão com a outra fechada, reproduzindo a ação da mãe da Pantera dando um tapa na mão do filho com a colher de pau; une polegar e indicador para referir o gancho que aparece na cena e, em seguida, reproduz a ação da Pantera puxando a pedra) (Faz gesto indicativo de silêncio indicando que a pantera faz algo escondido da mãe em 00:15:53) (Faz que puxa a pedra em 00:15:54)

LIVRO (Confunde a caixa de comida de passarinho de formato semelhante a um livro em 00:15:56)

P: (Pausa o vídeo em 00:15:58) **COMIDA-PASSARINH@** (Reinicia o vídeo em 00:16:05)

R: (Balança a cabeça positivamente)

P: **PEDRA COMER TUDO**

R: (Repete a ação da Pantera ninando a pedra em 00:16:12)

P: **VER? PARECER CACHORR@**

R: **NÃO**

AUMENTAR (Usa classificador ao realizar configuração de mão arredondada, levando em consideração o formato da pedra, e infla as bochechas em 00:16:30)

P: **COMER PEDRA COMER TUDO**

R: (Balança o corpo, como para representar a Pantera caminhando) (Balança o corpo e as mãos, com dedos arredondados, reproduzindo a Pantera ao carregar a pedra)

CASA BANHO (Faz como se algo caísse, imitando a cena em que a pedra cai no chão)(Faz como se jogasse algo com as duas mãos, imitando a ação da Pantera quando joga o tapete sobre o buraco no chão) (Joga as mãos para baixo para representar a cena em que a mãe da Pantera cai no buraco) (Coloca a mão na boca com expressão de surpresa igual à Pantera) (Aponta para o lado como reproduzindo a cena em que a mãe da Pantera a expulsa de casa) (Imita a Pantera segurando a trouxa de roupas enquanto vai embora) (Imita o gesto da Pantera de empurrar a pedra com as mãos) (Reproduz a ação da Pantera jogando o graveto para a pedra ir buscar e gira o dedo indicador no ar como representando o graveto girando) (Passa a mão fechada sobre a mesa como o homem passando o cimento no chão em 00:17:43)

P: (Pausa o vídeo em 00:17:44) O-QUE AGORA ^{interrogativa}

R: (Passa a mão fechada sobre a mesa, mostra as mãos voltadas uma para a outra com formato arredondado para representar a pedra e desliza a mão aberta sobre a mesa, representando a cena em que o homem passa cimento no chão e a pedra e a Pantera passam por cima)

P: LEÃO^ROSA FAZER O-QUE ^{interrogativa} (00:17:51)

R: (Expressão e mãos abertas para indicar que não sabe)

P: (Aponta para a tela)

R: (Passa a mão fechada sobre a mesa como o homem passando o cimento no chão)

P: LEÃO^ROSA FAZER O-QUE ^{interrogativa} (00:18:06)

ANDAR ANDAR

R: ANDAR SUJ@ (Olha para os dedos como se fosse a Pantera ao olhar para as patas e verificar que estão sujas após andar sobre o cimento em 00:18:11)

P: SUJ@

DEPOIS PEDRA O-QUE ^{interrogativa}

R: AUMENTAR (00:18:15)

P: AUMENTAR PEDRA AUMENTAR

VER ^{interrogativa} DEPOIS ^{interrogativa}

R: (Balança o corpo, faz como o graveto sendo arremessado e girando no ar e coloca as mãos como se algo estivesse freando: momento em que a pedra freia perto do graveto)

P: DEPOIS ^{interrogativa}

R: (Expressão e mãos voltadas para cima para indicar que não sabe) (Mão fechada e movimento circular como o homem passando o cimento; desliza a mão sobre a mesa, como a pedra que corre no chão; arremessa algo, como a Pantera jogando o martelo; desliza a mão sobre a mesa e depois subindo, como a pedra subindo a ladeira em 00:18:41)

P: DEPOIS ^{interrogativa}

R: (Expressão chateada, coloca as mãos na cabeça e debruça sobre a mesa)

P: (Reinicia o vídeo em 00:18:49)

R: (Aponta para a tela) CACHORRO (referindo-se à Pantera) CORRER CACHORRO (Balança o corpo)

P: PEDRA ROLAR-AUMENTAR

R: (Faz como a Pantera jogando o graveto e ele girando no ar) CORRER CORRER CORRER

P: (Pausa o vídeo em 00:19:12)

VER ^{interrogativa} PEDRA PROCURAR PROCURAR PROCURAR OLHAR OLHAR (Olha de um lado, olha de outro) CADÊ LEÃO^ROSA ^{interrogativa}

R: IR

P: IR ^{interrogativa} (Reinicia o filme em 00:19:23)

OLHAR BATER BATER-ÁRVORE-BALANÇAR (Pausa em 00:19:28) LEÃO^ROSA CADÊ ^{interrogativa}

R: (Gesticula balançando as mãos, como a árvore balançando e a Pantera caindo em 00:19:33)

P: ESCONDER ÁRVORE-ESCONDER BATER-ÁRVORE CAIR (Reinicia o vídeo em 00:19:43)

R: (Gesticula como a Pantera jogando o graveto, gira o dedo indicador referindo-se ao graveto que gira no ar e imita a pedra freando após rolar no chão) (Imita a pedra caindo e depois subindo no ar e voando para longe) (Expressão de surpresa, joga o corpo para o lado como a Pantera desviando da pedra e faz gesto para referenciar a pedra caindo e se quebrando em vários pedaços) CHORAR (00:20:10)

P: (Pausa o vídeo em 00:20:11) CHORAR

(Reinicia em 00:20:13) IR

R: TRISTE

P: PEDRA MUIT@

R: CORRER CORRER CORRER (00:20:21)

P: ENTÃO^{interrogativa}

R: ACABAR (00:20:31)

P: ACABAR FIM OBRIGADA! OBRIGADA! GOSTAR FILME^{interrogativa}

R: (Balança a cabeça positivamente em 00:20:40)

Durante toda a exibição do vídeo, Raphael permaneceu inexpressivo, cabisbaixo, praticamente imóvel, retraído e pouco à vontade e, algumas vezes, desviava o olhar da tela, com pouco interesse, sem demonstrar nenhuma reação à história. Após a exibição do vídeo, quando a pesquisadora solicitou que Raphael lhe explicasse o que havia visto, este se negou a fazer. A pesquisadora então tentou iniciar o relato para que Raphael desse prosseguimento, porém sem sucesso. Assim, optou-se por reexibir o vídeo. Durante a reexibição, Raphael acompanhava as cenas tentando contar, simultaneamente, o que estava acontecendo, porém apenas realizava sinais isolados ou, na maior parte do tempo, reproduzia a ação dos personagens, fazendo gestos com as mãos e movimentos corporais. Foi observada, na maior parte do tempo, a utilização de mímica, como, por exemplo, para informar a terapeuta que não sabe algo, a criança não utiliza o sinal, e sim ergue as mãos próximo aos ombros. A criança realizou alguns sinais com configuração de mãos adequada, porém com movimentos imprecisos, como “LEÃO” e “CACHORRO” (em 00:11:34). Além disso, para representar o valor do cachorro (200), Raphael realizou o sinal “2” com configuração de mão em “V” (em 00:12:35), utilizado para se referir à quantidade, e não o utilizado para se referir à numeração (polegar para cima e indicador estendido), demonstrando confusão ao configurar números, porém, representa o valor de “50” da forma correta (em 00:13:11). Foi necessária a intervenção da pesquisadora durante toda a história, fazendo pausas na reexibição do filme visando interagir e questionar, na tentativa de promover e facilitar a compreensão do conteúdo por parte da criança, porém Raphael fornecia apenas respostas pontuais com sinais isolados. Raphael fez mais uso de expressões não-manuais, como as expressões faciais e na maior parte das vezes utilizou-se da reprodução da ação dos personagens da história e não da língua propriamente dita. Tal fato indica que o menino não está apropriado de sua língua denotando um vocabulário bastante reduzido, necessitando ainda de um maior contato com a LS.

Alguns momentos chamaram a atenção das pesquisadoras durante a transcrição do relato de Raphael. Em 00:11:39, a criança descreve a cena em que a Pantera Cor-de-Rosa observa atrás de uma árvore as pessoas caminhando com seus cachorros: faz o sinal de SILÊNCIO e coloca as mãos no rosto, como quem observa escondido. Ao fazer o sinal SILÊNCIO, não indicado na cena, Raphael realiza uma dedução lógica, demonstrando que quando se observa algo escondido, necessariamente, deve-se permanecer em silêncio para não ser descoberto. Em outros dois momentos ele demonstra compreender a fala da interlocutora, ao responder adequadamente às perguntas realizadas: **(P)** “HOMEM PERGUNTAR QUAL QUAL-DINHEIRO TER^{interrogativa} QUAL^{interrogativa}” **(R)** “10 10” em 00:13:31; **(P)** “DEPOIS PEDRA O-QUE^{interrogativa}” **(R)** “AUMENTAR” em 00:18:15. Esses momentos evidenciados implicam compreensão da história e das situações apresentadas pela interlocutora.

No que diz respeito ao uso de classificadores, observou-se em alguns momentos, como durante a abertura do vídeo, quando coloca os dedos polegar e indicador unidos, próximos aos lábios meio de lado, para indicar a Pantera fumando (em 00:11:02) e na referência ao aumento de tamanho da pedra (00:16:30), utilizando a configuração de mãos mais arredondada, representando a forma correta do objeto.

Não foi possível observar o respeito à sequência temporal da história, visto que todos os comentários da criança foram feitos acompanhando a exibição do filme, bem como não houve em nenhum momento a ampliação da história baseando-se em experiências anteriores. Vale ressaltar que durante a transcrição da filmagem para a interpretação dos dados, só foi possível compreender os gestos realizados pela criança devido à pesquisadora estar ciente do contexto da história que foi apresentada e sendo necessário, em alguns momentos, recorrer ao vídeo para fazer a associação entre as cenas e as ações de Raphael.

O que se observa de forma bastante importante é que para a realização da narrativa, esta criança precisou acompanhar a história não conseguindo narrar nenhuma parte do filme assistido de forma independente, necessitando constantemente do apoio e intervenção da pesquisadora responsável. O fato de estar preso ao acontecimento enquanto ele acontece, implica no entendimento de que o lugar de narrador ainda não está completamente estabelecido para esta criança, o que está diretamente relacionado às experiências linguísticas e todo o processo de aquisição e desenvolvimento de linguagem ao qual está sujeito. O que pode se inferir dessas observações é que Raphael ainda está em processo de aquisição da LS, e sabe-se que a criança, se apropria dos conhecimentos e desenvolve a linguagem e, conseqüentemente, a narrativa, por meio da imitação num período inicial do processo. Sendo assim, esta criança necessitou do apoio do outro, neste caso, do vídeo e da pesquisadora, para recontar a história. O fato de necessitar acompanhar as cenas e de reproduzir as ações dos personagens, praticamente não utilizando a Libras, não sugere que ele não tenha realizado uma narrativa, mas apenas que sua narrativa ainda se encontra em estágio inicial. A criança narrou a história, porém, com os recursos que conhece e dispõe e não com as estruturas esperadas, ou seja, ele, simplesmente, ainda não está apropriado da Libras o suficiente para narrar um fato ou uma história utilizando somente sua primeira língua. Inclusive, a partir dos resultados demonstrados pela criança, questiona-se o uso feito pela mãe da LS com o filho em ambiente doméstico. Neste momento não se pretende negar a informação fornecida por ela quando entrevistada para esta investigação, mas sim, questionar-nos quanto à apropriação da família com relação à língua. Este é um aspecto que deve ser atentado sempre com bastante cuidado tanto quando se fala do ambiente clínico bilíngue, quanto do ambiente educacional.

Sendo as duas crianças filhas de pais ouvintes, o contato com a Língua de Sinais não ocorreu da forma que se considera ideal, ou seja, desde bebês, através da interação com um adulto fluente na LS. Sabe-se que é de fundamental importância a interação entre as crianças e seus pais para que a linguagem se desenvolva¹⁸. É através da linguagem que o ser humano se integra, participa, convive e se socializa e a família aparece como grande responsável nesse processo, pois é nela que se inicia a primeira formação do ser humano, visto que é o primeiro grupo no qual a criança é inserida e tem suas primeiras experiências e relacionamentos interpessoais¹⁸. Para isso acontecer, entretanto, é necessário o estabelecimento de uma língua em comum¹⁸. Vale ressaltar que a linguagem não se resume apenas a uma forma de comunicação, visto que é nela que o pensamento do indivíduo é constituído¹⁹ “A linguagem está sempre presente no sujeito, mesmo nos momentos em que este não está se comunicando com outras pessoas. A linguagem constitui o sujeito, a forma como este recorta e percebe o mundo e a si próprio”¹⁹. O sujeito quando diz de si e de seu lugar, está fazendo associações e interpretações de seus desejos e vontades, suas fantasias, seus limites, suas falhas²⁰. Sendo assim, a linguagem não pode servir como instrumento de comunicação ou transmissão de informação simplesmente, visto

que é questão primordial da constituição do sujeito, portanto, é por ela que apreendemos o mundo²⁰.

O que diferencia as crianças ouvintes das surdas é que as primeiras são expostas à língua oral desde seu nascimento, tendo a oportunidade de adquirir uma língua natural na prática diária das interações com os membros da comunidade na qual está inserida, o que irá lhe permitir realizar trocas comunicativas, vivenciar situações do seu meio e, assim, possuir uma língua efetiva e constituir sua linguagem^{21,22}. Crianças surdas, filhas de pais ouvintes, ao contrário, não têm essa oportunidade. Nestes casos há a necessidade de que as crianças tenham contato o mais rápido possível com um adulto surdo, fluente em Libras, que será para elas o meio mais fácil, rápido e eficiente de propiciar sua aquisição da língua²¹. Assim, adquirindo a Libras, ela se tornará capaz de significar o mundo²¹. Para as crianças participantes desta pesquisa não foi fornecida esta oportunidade de contato frequente com um adulto fluente em Libras desde cedo, sendo assim, houve um atraso no período de aquisição de sua linguagem.

Apesar do contato das duas crianças com a LS ter iniciado com idades próximas, Gabriel com, aproximadamente, cinco anos e Raphael por volta dos seis, o fato de Gabriel ser mais velho pode explicar sua melhor desenvoltura na construção da narrativa, visto que teve a oportunidade de vivenciar mais experiências, estando há mais tempo exposto à LS. Além disso, embora sua mãe ainda esteja aprendendo Libras, a mesma afirmou durante a entrevista buscar a utilização desta língua em casa, evitando gestos e mímicas para se comunicar com o filho. A genitora relatou que Gabriel busca ensinar os sinais que ela ainda não sabe ou esquece, e que são constantes os diálogos entre eles, mantendo-se o hábito de narrar os fatos acontecidos durante o dia, bem como mencionou a curiosidade do filho em saber sobre as situações que acontecem ao seu redor, o que gera a necessidade de explicações que, segundo a mãe, também são realizadas em Língua de Sinais. Tais situações implicam em algumas oportunidades de se colocar em prática a LS no ambiente doméstico, ainda que não de maneira constante e completa, mas que não restringe sua utilização somente na escola ou nos momentos de atendimento fonoaudiológico bilíngue.

Raphael, sendo mais novo e estando em contato com a LS há menos tempo ainda não teve tantas oportunidades de vivenciar experiências com sua primeira língua. Um ponto importante a se considerar é que Raphael iniciou o atendimento no CEDAF em maio de 2015, tendo como contratempo a greve da Universidade Federal da Bahia, iniciada logo após sua entrada no serviço e com duração de 140 dias. Tal fato implica em uma demora ainda maior para o início do contato efetivo de Raphael com a Língua de Sinais, permanecendo com seu uso restrito apenas ao ambiente escolar por mais algum tempo. Além disso, a mãe de Raphael (também em aprendizado da LS) revelou em entrevista que os diálogos em casa não costumam acontecer, e a criança não demonstra curiosidade e não faz questionamentos sobre situações que ocorrem à sua volta. Raphael não interage com parentes durante reuniões familiares, exceto durante as brincadeiras com outras crianças, com as quais se entende por meio de gestos caseiros e mímicas. Sendo assim, não há o estímulo para o uso da LS fora do ambiente escolar e dos atendimentos realizados no CEDAF, o que influencia negativamente o desenvolvimento da primeira língua desta criança, resultando em dificuldade na construção de sua narrativa. Vale deixar claro, que o objetivo destas considerações não é comparar as duas crianças, mas apenas ressaltar que o contato tardio com a LS, mesmo gerando um período de atraso na aquisição da linguagem, não é empecilho para o seu desenvolvimento, desde que

sejam proporcionadas à criança oportunidades de interagir com o outro em sua língua natural. As duas crianças selecionadas para a pesquisa, por estarem em fases diferentes de aquisição da linguagem, uma ainda no início e outra já mais adiantada, demonstram com clareza essa afirmação.

Sabe-se que os pais ouvintes provavelmente não tenham domínio completo da Língua de Sinais, e mesmo que haja um domínio parcial, isso não garante que os adultos se constituam como interlocutores efetivos nessa língua¹. Sendo assim, haverá dificuldade no uso de estratégias visuais, uso restrito de vocabulário e enunciados incompletos em Língua de Sinais, levando a uma fragmentação na comunicação estabelecida entre pais ouvintes e filhos surdos¹. Ainda assim, o aprendizado de Libras pela família também é extremamente importante e até mesmo crucial para que a criança surda se desenvolva perfeitamente¹⁸. Pais preparados e conscientes de seu papel conseguem obter o aproveitamento de todas as oportunidades geradas no lar para o desenvolvimento de seu filho¹⁸ desde que se empenhem em aprender e dominar, ainda que parcialmente, a modalidade linguística ideal para que a criança se desenvolva: a Língua de Sinais, e de que forneçam à criança o contato direto e frequente com uma pessoa fluente em Libras desde muito cedo. A família é importante cooperadora no processo de desenvolvimento do surdo, garantindo a ele um futuro de independência e produtividade na sociedade¹⁸.

Este estudo buscou compreender melhor a construção do discurso narrativo em crianças surdas usuárias da Língua de Sinais, porém que não foram expostas de maneira efetiva a esta língua desde a mais tenra idade. O foco da pesquisa sobre a narrativa se dá devido a função que exerce na construção do sujeito, visto que narrar nos permite dar ordem e coerência às nossas experiências¹³. A “narrativa é uma maneira que encontramos para contar histórias sobre os outros e sobre nós mesmos”²². É uma das mais poderosas ferramentas que o homem possui para organizar e interpretar suas experiências²³; por isso ela é característica essencial do ser humano²². “Podemos considerar a narrativa como uma forma cultural de representar simbolicamente a realidade social em que vivemos”²². É na interação com a família que surgem as primeiras narrativas das crianças, durante os diálogos, na prática cotidiana de contar histórias e relatar as experiências diárias.

De acordo com Shiro^f, 2003, uma mesma criança pode demonstrar habilidades diferentes para narrar se comparadas narrativas de experiências pessoais, narrativas ficcionais e reconto de histórias. Vale ressaltar também que mesmo que tenham a mesma idade e estejam expostas ao mesmo tempo à Língua de Sinais, as crianças em geral apresentam potencialidades diferentes, sendo assim, poderiam apresentar facilidade ou dificuldade para narrar, a depender do desenvolvimento de cada uma. No entanto, ao observar o reconto de Gabriel e levando-se em consideração o fato de ele estar há, aproximadamente, seis anos em contato com a LS e ter oportunidades de colocá-la em prática no cotidiano, demonstrando um domínio desta língua, pode-se crer que conversar sobre o passado para esta criança não se mostre uma tarefa com grandes dificuldades, podendo-se esperar que ela conte de maneira eficaz os fatos ocorridos, proporcionando uma boa compreensão ao seu interlocutor.

^f Shiro M. Genre and evaluation in narrative development. *Journal of Child Language*, 30, 165-195. 2003 apud 7.

Os achados no relato de Raphael, somados ao ambiente doméstico não favorável ao desenvolvimento de sua língua natural e ao pouco tempo de contato da criança com a LS, levam a crer em uma maior dificuldade diante da tarefa de fazer referências a eventos ocorridos no passado. Porém, com o passar do tempo, a medida que esta criança for se apropriando mais de sua língua, espera-se que suas narrativas futuras venham a se tornar cada vez mais bem construídas, até que a assistência de um interlocutor adulto não se faça mais necessária e ele consiga narrar com autonomia, fazendo maior uso de sua língua natural e recorrendo menos aos gestos e mímicas. Sua dificuldade atual em recontar uma história pode refletir em uma dificuldade em conversar sobre o passado e o futuro e são estas conversas que tornam a vida compreensível e promovem ao sujeito a possibilidade de falar de si⁷. Além disso, enquanto narram, as crianças desenvolvem suas funções cognitivas, o raciocínio lógico e as relações espaciais e temporais²⁴. Através da construção de narrativas, a criança busca organizar o fluxo de acontecimentos de forma que faça, para ela, algum sentido, isto é, de maneira que ela possa reagir a esta experiência e participar, de algum modo, na construção de sua própria vida, já que sem esse ato de construção de sentido a vida seria apenas uma sequência de eventos dos quais a criança tem pouco a ver e a dizer²⁵.

8. Considerações Finais

A partir deste estudo em que se objetivou compreender melhor o discurso narrativo em crianças surdas, filhas de pais ouvintes, usuárias da Língua de Sinais, é possível verificar de forma bastante clara o quanto é importante que essas crianças tenham a oportunidade de estar, desde muito cedo, em contato frequente com adultos fluentes em LS, favorecendo o desenvolvimento de sua linguagem. Este contato possibilita à criança a prática do diálogo, a troca de ideias e o relato de experiências, estimulando o uso de práticas narrativas.

As entrevistas realizadas com as mães permitiram ter uma visão mais clara sobre o uso da LS no cotidiano das crianças, bem como da participação da família no processo de desenvolvimento da linguagem e, por consequência, da narrativa, através das práticas dialógicas. As duas crianças participantes desta pesquisa iniciaram o contato direto com a LS com, aproximadamente, a mesma idade, porém, diferem no tempo de exposição a esta língua, considerando-se que têm idades diferentes. Sendo assim, a criança mais velha, estando há mais tempo em contato com a Libras, teve maiores oportunidades de colocar em prática sua língua natural, o que contribuiu de forma significativa para que executasse com sucesso a tarefa solicitada pela pesquisadora, construindo uma narrativa bem estruturada e com riqueza de detalhes. Seu bom desempenho nos faz perceber que já se encontra em uma fase mais evoluída do processo de construção da narrativa, na qual a assistência do interlocutor adulto já não se faz mais tão necessária. A criança mais nova, entretanto, não tendo ainda vivenciado tantas experiências, necessitou do auxílio da pesquisadora durante toda a exibição do vídeo e, ainda assim, limitou-se a reproduzir as ações dos personagens enquanto acompanhava as cenas, não conseguindo elaborar uma narrativa com autonomia. Isso comprova um atraso no desenvolvimento de sua linguagem, pela falta de contato constante com a LS, e pelo não estabelecimento de diálogos em casa. A presença do interlocutor adulto atuando como coautor da narrativa ainda se faz necessária para que haja uma melhora gradual no seu desempenho, até que a criança consiga, de fato, falar sobre acontecimentos ocorridos

no passado de forma independente e organizada. Os recontos da história feitos pelas crianças participantes desta pesquisa demonstram, portanto, como o contato tardio com a Língua de Sinais e a não frequência de seu uso em casa compromete o desenvolvimento da linguagem da criança surda. Por outro lado, conclui-se também que mesmo o contato com a Língua de Sinais ocorrendo tardiamente, se for mantido de forma frequente após ser iniciado, proporcionando-se à criança momentos de interação no ambiente doméstico para que ela possa colocar em prática sua língua natural, isto implicará no desenvolvimento da narrativa, visto que ela surge naturalmente durante o processo de aquisição da linguagem.

O desempenho da criança surda para narrar dependerá diretamente das experiências proporcionadas a ela de colocar em prática o uso da Língua de Sinais fora do ambiente escolar e/ou da clínica fonoaudiológica. Para isso, é muito importante que as famílias de crianças surdas, principalmente os pais, busquem se apropriar da Língua de Sinais, possibilitando o seu uso no ambiente doméstico em todas as interações realizadas com a criança, para que, assim, ela possa significar a língua e utilizá-la adequadamente. Além disso, a família deverá também buscar promover situações que explorem mais a Língua de Sinais, através, por exemplo, de diálogos, de contar histórias e de relatar acontecimentos. O que se pretende com tais considerações é potencializar o lugar da família e o papel que ela ocupa, mesmo sendo uma família ouvinte, no desenvolvimento da criança. Com a família proporcionando as condições ideais, a criança terá melhor oportunidade de desenvolvimento.

Referências Bibliográficas

1. Lacerda CBF de, Lodi AC. O desenvolvimento do narrar em crianças surdas: o contexto de grupo e a importância da língua de sinais. *Temas desenvolv.* 2006; 15 (85-86):45-53.
2. Vygotsky LS. *A formação social da mente.* São Paulo: Martins Fontes; 1984.
3. Vygotsky LS. *Pensamento e linguagem.* São Paulo: Martins Fontes; 1987.
4. Rathmann C, Mann W, Morgan G. Narrative structure and narrative development in deaf children. *Deafness Educ. Int.* 2007; 9: 187–196.
5. Neves BC. *Narrativas de crianças bilíngues bimodais [Dissertação Mestrado em Linguística].* Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina; 2012.
6. Miranda SL. Adulto e criança construindo histórias conjuntamente: formas de assistência. *Revista Symposium.* Nov, 2000; 4 (número especial):50-59.
7. Macedo L, Sperb TM. O desenvolvimento da habilidade da criança para narrar experiências pessoais: uma revisão da literatura. *Estudos de Psicologia.* 2007; 12 (3):233- 241.

8. Gesueli ZM. A intertextualidade na elaboração narrativa em língua de sinais. In: Lacerda CBF, Góes MCR, orgs. Surdez: processos educativos e subjetividade. São Paulo: Lovise; 2000. 95-112.
9. Hachimine AHF, Dias TR da S. Histórias infantis contadas em Libras por crianças surdas. CAMINE: Caminhos da Educação [periódico na Internet]. Ago, 2012 [acesso em: 27 fev. 2016]; 4 (1) [22 p.]. Disponível em: <http://periodicos.franca.unesp.br/index.php/caminhos/article/view/486>
10. Quadros RM de. Educação de Surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed; 1997.
11. Carvalho CAF. A narrativa em crianças surdas: papel da língua gestual portuguesa [Dissertação Mestrado em Ciências da Educação – Educação Especial]. Lisboa: Escola Superior de Educação Almeida Garrett; 2013.
12. Rosa AS. Entre a visibilidade da tradução da língua de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete. Rio de Janeiro: Arara Azul; 2005.
13. Brockmeier J, Harré R. Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo. Psicologia: Reflexão e Crítica. 2003;16(3): 525-535.
14. Felipe TA. Libras em contexto. 6ª edição. Brasília: MEC; 2007.
15. Pizzio AL, Campello ARS, Rezende PLF, Quadros RM. Língua Brasileira de Sinais III [Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a Distância]. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina; 2009.
16. Lane H. A máscara da benevolência: a comunidade surda amordaçada. Lisboa: Piaget; 1992.
17. Brito LF. Por uma gramática de línguas de sinais. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; 1995.
18. Santos Filho GO, Oliveira RRS. Os desafios na comunicação entre os surdos e a família. Jan, 2010; 1-16. [acesso em: 27 fev. 2017]. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/educação-dos-surdos-os-desafios-nacomunicação-entre-os-surdos-e-a-família/31113/>.
19. Goldfeld M. A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. 2ª ed. São Paulo: Plexus; 2002.
20. Souza E. A linguagem e seus efeitos na constituição do sujeito. In: Anais eletrônicos do III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade (III SIDIS): dilemas e desafios na contemporaneidade; 14-16 fev 2012; Campinas (SP) [Internet] Disponível em: <http://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/titulo.html>
21. Dizeu LCTB, Caporali AS. A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito. Educ. Soc. 2005; 26 (91): 583-597.

22. Kelman CA, Branco AU. Era uma vez...: narrativa literária em língua de sinais como fator de desenvolvimento. *Linhas Críticas*. 2003; 9 (16): 33-43.
23. Van Deusen-Phillips SB, Goldin-Meadow S, Miller PJ. Enacting Stories, Seeing Worlds: Similarities and Differences in the Cross-Cultural Narrative Development of Linguistically Isolated Deaf Children. *Human Development*. 2001; 44: 311–336.
24. Silva CMC. A importância de contar histórias para as crianças; entrevista [26 de setembro, 2002]. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/entrevistas/entrevista.asp?entrID=64>.
25. Vieira AG, Sperb TM. O brincar simbólico e a organização narrativa da experiência de vida na criança. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 2007; 20 (1): 9-19

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Para a participação da criança na pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE FONOAUDIOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(No caso de Responsável pelo menor)

O(a) menor _____, sob sua responsabilidade, está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa **“O Desenvolvimento da Narrativa na Criança Surda”**. Nesta pesquisa pretendemos compreender como a criança surda utiliza a Língua de Sinais para contar histórias. O motivo que nos leva a estudar este assunto é buscar um maior aprofundamento nesta área, visto que a mesma ainda é pouco explorada. Desse modo, este estudo poderá contribuir para que os processos de desenvolvimento da linguagem e da narrativa dessas crianças sejam melhor estudados e discutidos. Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: 1) Realização de uma consulta ao prontuário da criança no serviço para que a pesquisadora possa obter informações importantes como o uso da Língua de Sinais pelos familiares e a escola em que a criança estuda, o tipo e o grau da surdez, entre outras. Os dados obtidos através da consulta ao prontuário serão utilizados somente para fins acadêmicos, não sendo divulgados pela pesquisadora em nenhum outro meio que não seja o resultado final da pesquisa. 2) Após a análise do prontuário, a criança será acompanhada durante dois (02) encontros no Centro Docente-Assistencial em Fonoaudiologia – CEDAF, nos quais lhe será apresentada uma história através de filme ou livro. Após isso, ela será solicitada a recontar a história que lhe foi apresentada, em Língua de Sinais, sendo possível observar o desenvolvimento de suas habilidades para contar histórias, verificando o desenvolvimento de sua linguagem. **Estes encontros serão filmados** para que depois os acontecimentos possam ser analisados e interpretados cuidadosamente e de forma detalhada.

A pesquisa ocorrerá de forma controlada, buscando minimizar quaisquer danos ou riscos à criança, e caso estes ocorram a pesquisadora responsável e a colaboradora assumem a responsabilidade de oferecer atendimento evitando situações difíceis decorrentes desta investigação. É possível que durante a pesquisa a criança venha a se sentir cansada. Caso

Assinatura do participante: _____

Assinatura do pesquisador: _____

01/04

_____ de _____ de 2017.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
 INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
 DEPARTAMENTO DE FONOAUDIOLOGIA

isso ocorra, a pesquisadora interromperá o procedimento, oferecendo à criança tempo e atenção necessários.

Esclarecemos que qualquer informação decorrente desse instrumento será utilizado unicamente para fins desta pesquisa e ficará em posse restrita dos pesquisadores e, após a finalização desta, os dados serão destruídos. Ainda, em virtude de qualquer publicação dos resultados o nome da criança ou qualquer outra informação que a identifique não aparecerá e no lugar de seu nome será usado um nome fictício.

A participação da criança será realizada no mesmo momento do atendimento já existente e não haverá nenhum tipo de gasto extra de sua parte, quer seja com transporte ou alimentação. Caso isso ocorra a criança receberá indenização feita pelas pesquisadoras. Para participar deste estudo a criança não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso seja identificado danos gerados por esta pesquisa o Menor tem assegurado o direito à indenização.

A criança será esclarecida sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. O(a) responsável pelo Menor poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação do Menor a qualquer momento. A participação dele(a) é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Caso o Senhor(a) tenha alguma dúvida ou necessite de qualquer esclarecimento ou ainda deseje retirar o consentimento de participação do Menor sob sua responsabilidade da pesquisa, por favor, entre em contato com os pesquisadores abaixo a qualquer tempo.

Pesquisador responsável – Desirée De Vit Begrow. Avenida Reitor Miguel Calmon, s/nº
 - Instituto de Ciências da Saúde - 1º andar Vale do Canela. (71) 9966-6671.

Pesquisador Colaborador – Bianca Bogarin Barreto. Alameda Monte Carmelo, n.29–
 Brotas. (71) 98873-4870.

Também em caso de dúvida, o(a) senhor(a) poderá entrar em contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal da**

Assinatura do participante: _____

02/04

Assinatura do pesquisador: _____

_____ de _____ de 2017.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
 INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
 DEPARTAMENTO DE FONOAUDIOLOGIA

Bahia (CEP/ICS/UFBA). O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um Colegiado independente, que deve existir nas instituições que realizam pesquisa envolvendo seres humanos no Brasil, criado para defender os interesses dos sujeitos da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos (Resolução nº 466/12 Conselho Nacional de Saúde). O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. Este Comitê assegura a preservação da dignidade humana, dos direitos dos participantes voluntários das pesquisas e do seu bem-estar.

O **Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Bahia (CEP/ICS/UFBA)** está localizado na Avenida Reitor Miguel Calmon, s/n, - Instituto de Ciências da Saúde – 4º andar, Vale do Canela.

Horário de funcionamento: Segunda das 13:30h às 19:30h e de terça à sexta das 7:00h às 13:00h.

Telefone: (71) 3283-8951. **E-mail:** cepics@ufba.br

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. O nome do Menor sob sua responsabilidade ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O Menor sob sua responsabilidade não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida ao(à) senhor(a). Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a identidade do Menor sob sua responsabilidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, portador do documento de identidade _____, responsável pelo Menor _____, fui informado(a) dos objetivos da pesquisa “**O Desenvolvimento da Narrativa na Criança Surda**”, de maneira

Assinatura do participante: _____

03/04

Assinatura do pesquisador: _____

_____ de _____ de 2017.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
 INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
 DEPARTAMENTO DE FONOAUDIOLOGIA

clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de consentimento de participação do Menor sob minha responsabilidade, se assim o desejar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Salvador, _____ de _____ de 2017.

Nome completo (participante)

Data

Desirée De Vit Begrow

Data

Nome completo (testemunha)

Data

Em caso de desistência do Menor sob minha responsabilidade em permanecer na pesquisa, autorizo que os seus dados já coletados referentes a resultados de exames, questionários respondidos e similares ainda sejam utilizados na pesquisa, com os mesmos propósitos já apresentados neste TCLE.

Nome completo (participante)

Data

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Para a participação do responsável na entrevista



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE FONOAUDIOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(a) Sr.(a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “**O desenvolvimento da narrativa na criança surda**”. Nesta pesquisa pretendemos compreender como a criança surda utiliza a Língua de Sinais para contar histórias. O motivo que nos leva a estudar este assunto é buscar um maior aprofundamento nesta área, visto que a mesma ainda é pouco explorada. Sua participação consistirá em conceder uma entrevista com o objetivo de obtermos maiores informações sobre como a criança pelo(a) qual o(a) senhor(a) é responsável utiliza a Língua de Sinais no seu dia-dia e se ela tem experiências com histórias contadas pelo adulto em língua de sinais.

A entrevista ocorrerá de forma controlada, buscando minimizar quaisquer danos ou riscos, e caso estes ocorram a pesquisadora responsável e a colaboradora assumem a responsabilidade de oferecer atendimento evitando situações difíceis decorrentes desta investigação. É possível que a entrevista cause certo constrangimento por leva-lo(a) a recordar momentos que podem trazer desconforto, ou que o(a) senhor(a) venha a se sentir cansado(a) durante a realização da mesma. Para ambas as situações, a pesquisadora interromperá a entrevista oferecendo ao(à) senhor(a) tempo e atenção necessárias.

Esclarecemos que qualquer informação decorrente desse instrumento será utilizado unicamente para fins desta pesquisa e ficará em posse restrita dos pesquisadores e, após a finalização desta, os dados serão destruídos. Ainda, em virtude de qualquer publicação dos resultados seu nome ou qualquer outra informação que o identifique não aparecerá. Esclarecemos que esta entrevista não será gravada em áudio ou vídeo e no lugar de seu nome ou do nome de seu filho, será usado um nome fictício.

A sua participação será realizada no mesmo momento do atendimento já existente e não haverá nenhum tipo de gasto extra de sua parte, quer seja com transporte ou alimentação. Caso isso ocorra o(a) senhor(a) receberá indenização feita pelas pesquisadoras. Para participar deste estudo o(a) senhor(a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer

Assinatura do participante: _____

Assinatura do pesquisador: _____

_____ de _____ de 2017.

01/04



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE FONOAUDIOLOGIA

vantagem financeira. Apesar disso, caso seja identificado danos gerados por esta pesquisa, o(a) senhor(a) tem assegurado o direito a indenização.

O Sr.(a) terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Caso o(a) Sr.(a) tenha alguma dúvida ou necessite de qualquer esclarecimento ou ainda deseje retirar-se da pesquisa, por favor, entre em contato com os pesquisadores abaixo a qualquer tempo.

Pesquisador responsável – Desirée De Vit Begrow. Avenida Reitor Miguel Calmon, s/nº - Instituto de Ciências da Saúde - 1º andar Vale do Canela. (71) 9966-6671.

Pesquisador Colaborador – Bianca Bogarin Barreto. Alameda Monte Carmelo, n.29 – Brotas. (71) 98873-4870.

Também em caso de dúvida, o(a) senhor(a) poderá entrar em contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Bahia (CEP/ICS/UFBA)**. O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um Colegiado independente, que deve existir nas instituições que realizam pesquisa envolvendo seres humanos no Brasil, criado para defender os interesses dos sujeitos da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos (Resolução nº 466/12 Conselho Nacional de Saúde). O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. Este Comitê assegura a preservação da dignidade humana, dos direitos dos participantes voluntários das pesquisas e do seu bem-estar.

O **Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Bahia (CEP/ICS/UFBA)** está localizado na Avenida Reitor Miguel Calmon, s/n, - Instituto de Ciências da Saúde – 4º andar, Vale do Canela.

Assinatura do participante: _____

02/04

Assinatura do pesquisador: _____

_____ de _____ de 2017.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
 INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
 DEPARTAMENTO DE FONOAUDIOLOGIA

Horário de funcionamento: Segunda das 13:30h às 19:30h e de terça à sexta das 7:00h às 13:00h.

Telefone: (71) 3283-8951. **E-mail:** cepics@ufba.br

Os resultados desta pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O(a) Sr.(a) não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida ao(à) Sr.(a). Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de cinco (5) anos, e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, portador do documento de identidade _____, fui informado(a) dos objetivos da pesquisa "**O Desenvolvimento da Narrativa na Criança Surda**", de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas.

Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Salvador, _____ de _____ de 2017.

Nome completo (participante)

Data

Desirée De Vit Begrow

Data

Nome completo (testemunha)

Data

03/04



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE FONOAUDIOLOGIA

Em caso de minha desistência em permanecer na pesquisa, autorizo que os meus dados já coletados referentes a resultados de exames, questionários respondidos e similares ainda sejam utilizados na pesquisa, com os mesmos propósitos já apresentados neste TCLE.

Nome completo (participante)

Data

APÊNDICE C - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE FONOAUDIOLOGIA

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu estou fazendo uma pesquisa e gostaria de convidar você para participar. O nome da pesquisa é **“O Desenvolvimento da Narrativa na Criança Surda”**.

Nesta pesquisa o nosso objetivo é entender como crianças que se comunicam através de Língua de Sinais contam histórias. Por isso sua participação é muito importante para nos ajudar a estudar melhor esse tema.

Você não sofrerá nenhum tipo de problema ao participar da pesquisa e nem receberá nada em troca de sua participação.

Para que a pesquisa seja realizada, duas pesquisadoras encontrarão com você duas vezes para contar uma história em Libras. Essa história é simples. Depois você terá que contar a elas a mesma história, mas você pode parar de contar se ficar cansado ou não entender o que deve fazer. As pesquisadoras podem aguardar o tempo que você precisar para se organizar e contar a história com calma e sem pressa. Esses encontros serão filmados para que possam ser analisados em outro momento e ver você contando a história.

Seu nome não aparecerá em nenhum momento e ninguém além das duas pesquisadoras assistirá as gravações que forem realizadas.

Você é livre para aceitar ou recusar participar da pesquisa e se aceitar e depois mudar de opinião poderá desistir a qualquer momento sem nenhum problema.

Caso você não tenha entendido alguma explicação ou não queira mais participar desta pesquisa, por favor fale com as pesquisadoras abaixo.

Pesquisador responsável: Desirée De Vit Begrow. Avenida Reitor Miguel Calmon, s/nº - Instituto de Ciências da Saúde - 1º andar Vale do Canela. (71) 99966-6671.

Pesquisador Colaborador – Bianca Bogarin Barreto. Alameda Monte Carmelo, n.29 – Brotas. (71) 3276-0028 / (71) 988734870.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE FONOAUDIOLOGIA

Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____ **(se já tiver documento)**, fui informado(a) dos objetivos deste trabalho, de maneira clara e detalhada e não tenho dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei pedir novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se achar melhor para mim. Tendo a autorização em participar do(a) meu(minha) responsável já assinada, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi uma cópia deste documento assinado.

Salvador, _____ de _____ de 2017.

Assinatura do(a) menor

Assinatura do Pesquisador Responsável

APÊNDICE D – Entrevista

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE FONOAUDIOLOGIA

ENTREVISTA**IDENTIFICAÇÃO:**

Nome: _____

Idade: _____ Estado civil: _____

Mãe do menor: _____

Quantos filhos tem? _____

Grau de instrução: _____

Atuação profissional: _____

QUESTÕES:

1. Como você vê a surdez?
2. Quando você descobriu a perda auditiva de seu filho?
3. Ele já fez outros atendimentos fonoaudiológicos? Por quanto tempo? Qual natureza?
Quais foram os resultados?
4. Com quantos anos a criança começou a ter contato com a Língua de sinais?
5. A família possui o hábito de interagir com a criança por meio da Língua de Sinais?
6. Quem da família usa Língua de Sinais com a criança?
7. Participa de outras atividades além da escola? Se sim, como ocorre a comunicação?
8. O que ele(a) costuma fazer nos momentos livres?

9. Costuma assistir tv? Se sim, quais os tipos de programas que costuma assistir? São apresentados em Língua de Sinais? Ele(a) faz perguntas sobre os programas que assiste na TV?
10. Tem acesso a materiais educativos ou de entretenimento disponibilizados em Língua de Sinais na internet ou por meio de programas de computador, como jogos e vídeos, por exemplo? Alguém da família brinca com ele?
11. A criança possui o hábito da leitura?
12. Existe em casa o hábito de contar histórias para a criança?
13. Ela tem o costume de relatar fatos que aconteceram com ela ou que achou interessante durante o dia? Os pais têm o hábito de perguntar a respeito?
14. A criança é envolvida nos diálogos familiares? Se sim, como ela se comporta? Interage bem ou permanece mais quieta? E nos eventos familiares maiores?
15. Ao contar uma história ou um fato que ocorreu como se dá seu desempenho? Costuma se atrapalhar ou é bem compreendida?

APÊNDICE E – Ficha de caracterização



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE FONOAUDIOLOGIA

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: _____

Data de Nascimento: ____/____/____ Idade: _____ Sexo: () M () F

A criança tem parentes surdos? () Sim () Não

- () Pai () Mãe () Irmãos () Tios () Outros _____

Existem perturbações associadas à surdez? () Sim () Não

- () Neurológicas () Visuais () Motoras () Outras _____

Faz uso de aparelho auditivo/implante coclear? () Sim () Não

- Tipo do aparelho: _____

2. CARATERIZAÇÃO DA SURDEZ

Grau de Surdez: () Leve () Moderada () Severa () Profunda

Tipo de Surdez: () Condutiva () Mista () Neurosensorial

Causa da Surdez: () Desconhecida () Genética

- **Causas Pré-Natais:**

() Rubéola () Outras Víruses () Sífilis () Diabetes () Incompatibilidade Sanguínea

() Icterícia neo-natal () Medicamentos () Ameaças de Aborto

- **Causas Pós-Natais:**

() Sarampo () Papeira () Meningite () Encefalite () Otites de Repetição

() Traumatismo Sonoro () Medicamentos () Acidente

3. DIAGNÓSTICO DA SURDEZ

Quando foi realizado o diagnóstico audiológico? _____/_____/_____

Idade em que foi feito o diagnóstico: _____

Idade em que foi feito o primeiro estudo audiológico: _____

4. HISTÓRICO E CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO ESCOLAR:

Escola em que estuda: _____

Série: _____ Sempre estudou em escola de surdos? () Sim () Não

Quando iniciou na escola de surdos: _____

5. CONTATO COM A LÍNGUA DE SINAIS:

Quando iniciou contato com a Língua de Sinais?

() Ainda bebê () Antes dos 5 anos () Depois dos 5 anos

Uso de LS pelos pais: () Sim () Não

Uso de LS pelos familiares: () Sim () Não

Tem convívio com outras pessoas surdas? () Sim () Não

Tipo de comunicação com pessoas ouvintes próximas (vizinhos, amigos fora da escola, etc.)?

Observações:

ANEXO 1 – Instruções aos autores.

Revista Distúrbios da Comunicação

Diretrizes para Autores

Revista DIC – Distúrbios da Comunicação publica artigos originais, comunicações, resenhas críticas e veicula resumos de dissertações e teses, cartas e informes, sobre temas das áreas da Saúde e Educação relacionados aos Distúrbios da Comunicação.

Cadastro dos autores: Antes de enviar o manuscrito **TODOS** os autores deverão estar cadastrados como leitores e autores da Revista DIC com nome completo, instituição e cargo ocupado na mesma se houver, última titulação e e-mail que devem ser inseridos nos metadados do sistema.

A identificação dos autores e instituição, portanto, **NÃO** deverá ser inserida no corpo do manuscrito para garantir o sigilo no processo de avaliação.

O manuscrito deve ser encaminhado para uma das CATEGORIAS DE PUBLICAÇÃO e deve conter os seguintes itens solicitados para cada seção:

1. Pelo site <http://revistas.pucsp.br/index.php/dic/login>.
2. Formatado em folha tamanho A4 (210mm X 297mm), digitado em Word for Windows, em formato word.doc, usando fonte Arial, tamanho 12, em espaço simples, com margens de 25mm em todos os lados (laterais, superior e inferior). Todas as páginas devem ser numeradas.

ARTIGOS ORIGINAIS - contribuições destinadas a divulgar resultados de pesquisa original inédita, que possam ser replicados e/ou generalizados, ou uma análise crítica de artigos. O autor deve deixar claro quais as questões que pretende responder e explicitar o método científico adotado. Nesta categoria será aceita revisão bibliográfica sistemática da literatura, de material publicado sobre um assunto específico e atualizações sobre o tema. Estudos experimentais envolvendo seres humanos devem fazer referência à aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Instituição a que está vinculada a pesquisa.

- *Na primeira parte do texto deve constar:*
- Título do artigo;
- Versão exata do título para o inglês e espanhol;
- O manuscrito deve ter até 25 páginas, incluindo-se as referências bibliográficas;
- Especificar, caso o trabalho já tenha sido apresentado anteriormente, qual o congresso, data e cidade.

Todos os originais devem dispor de **resumo** de no máximo 250 palavras em português, inglês, e espanhol, seguido de três a seis descritores (nas três línguas), que são palavras-chave, e que auxiliarão a inclusão adequada do resumo nos bancos de dados bibliográficos; para tal, empregar a lista de "Descritores em Ciências da Saúde", elaborada pela Biblioteca Regional de Medicina e disponível nas bibliotecas médicas e no site <http://decs.bvs.br> ou no *Thesaurus of Psychological Index Terms*, da *American Psychological Association*.

O texto deverá conter:

- Introdução com revisão de literatura e objetivo; deve ser curta, definindo o problema estudado, sintetizando sua importância e destacando as lacunas do conhecimento ("estado da arte") que serão abordadas no artigo;
- Material e método explicitando a população estudada, a fonte de dados e critérios de seleção, dentre outros. Esses devem ser descritos de forma compreensiva e completa.
- Resultados com descrição dos achados encontrados sem incluir interpretações/comparações; devem ser separados da discussão. O texto deve complementar e não repetir o que está descrito em tabelas, quadros e/ou figuras. Essas não devem exceder o número de 10, e devem ser alocadas no final do artigo após as referências bibliográficas;

- Discussão que deve começar apreciando as limitações do estudo, seguida da comparação com a literatura e da interpretação dos autores;
- Conclusões, indicando os caminhos para novas pesquisas;
- Referências bibliográficas: Os ARTIGOS devem conter até 30 referências atualizadas, preferencialmente 70% de periódicos e 30% de livros, dissertações e teses. As referências de periódicos devem citar publicações de periódicos nacionais e internacionais.

A modalidade **ESTUDO DE CASO** pode ser aceita nesta seção, desde que apresente relato de casos não rotineiros. Especificamente quando se tratar desse tipo de estudo, deverá ter a descrição do histórico, condutas e procedimentos.

O texto deverá conter:

- Introdução (com breve revisão da literatura);
- Apresentação do Caso Clínico;
- Discussão;
- Comentários Finais;
- Referências bibliográficas.

COMUNICAÇÕES - são textos sintéticos sobre experiências clínicas, revisão bibliográfica não-sistemática ou outros assuntos de interesse da Fonoaudiologia. Os textos não devem ultrapassar 20 páginas, incluindo as referências.

Na primeira parte do texto deve constar:

- Título do artigo;
- Versão exata do título para o inglês e espanhol;
- O manuscrito deve ter até 20 páginas, incluindo-se as referências bibliográficas;
- Se o trabalho foi apresentado anteriormente, especificar qual o congresso, com data e cidade.

O **resumo** deve ter no máximo 250 palavras em português, inglês e espanhol. Não precisa necessariamente ser estruturado, e abaixo dele, deve conter de três a seis descritores (em português, inglês e espanhol), que são palavras-chave, e que auxiliarão a inclusão adequada do resumo nos bancos de dados bibliográficos; para tal, empregar a lista de "Descritores em Ciências da Saúde", elaborada pela Biblioteca Regional de Medicina e disponível nas bibliotecas médicas e no site <http://decs.bvs.br> ou no *Thesaurus of Psychological Index Terms*, da *American Psychological Association*.

O texto deve conter, de forma estruturada ou não:

- Introdução com apresentação da proposta;
- Descrição e no caso de haver tabelas, quadros e/ou figuras (máximo de 10), essas devem ser colocadas na sequência, ao final do texto;
- Considerações finais; e
- Referências bibliográficas: devem conter até 30 referências, atualizadas preferencialmente 70% de periódicos e 30% de livros, dissertações e teses. As referências de periódicos devem citar publicações de periódicos nacionais e internacionais.

RESENHAS - podem ser de artigos ou livros internacionais e não devem se restringir a resumos das obras e sim apresentar uma análise crítica, reflexiva, ter no máximo 2000 palavras, e no caso de haver referências bibliográficas, essas não devem exceder a 10.

Na primeira parte de texto deve constar:

- Título original, nas versões português e espanhol, seguido da referência completa do artigo ou livro a ser resenhado.

CARTA AO EDITOR- Inclui cartas que visam a discutir artigos recentes publicados na Revista ou a relatar pesquisas originais ou achados científicos significativos. Não devem exceder a 600 palavras.

RESUMOS DE DISSERTAÇÕES E TESES - são textos breves (até 500 palavras) sobre dissertações e teses recentemente defendidas nas áreas de interesse da revista. Apenas os manuscritos destas categorias podem ser encaminhados para e-mail: revistadic@gmail.com

Na primeira parte do texto deve constar:

- Título da dissertação/tese;
- Autor;
- Orientador;
- Grau e título do grau;
- Departamento/programa;
- Instituição de ensino superior;
- Data da defesa;
- Banca;
- Auxílio recebido (se houver).

OBSERVAÇÕES PARA TODAS AS CATEGORIAS DE PUBLICAÇÃO:

TODOS os textos devem ser encaminhados:

1. Pelo site <http://revistas.pucsp.br/index.php/dic/login>.
2. Formatado em folha tamanho A4 (210mm X 297mm), digitado em Word for Windows, usando fonte Arial, tamanho 12, em espaço simples, com margens de 25mm em todos os lados (laterais, superior e inferior). Todas as páginas devem ser numeradas;
3. No caso de apresentar abreviaturas ou siglas essas devem ser precedidas do nome completo quando citadas pela primeira vez. Nas legendas das tabelas e figuras devem ser acompanhadas de seu nome por extenso. Quando presentes em tabelas e figuras, as abreviaturas e siglas devem estar com os respectivos significados nas legendas. Não devem ser usadas no título e nos resumos. Valores de grandezas físicas devem ser referidos nos padrões do Sistema Internacional de Unidades, disponível no endereço: <http://www.inmetro.gov.br/infotec/publicacoes/Si/si.htm>.
4. A apresentação dos títulos de periódicos deverá ser abreviada de acordo com o estilo apresentado pela *List of Journal Indexed in Index Medicus*, da *National Library of Medicine* e disponibilizados no endereço: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/nlmcatalog>.
5. Os autores devem enviar a contribuição que cada autor teve no desenvolvimento do manuscrito.
6. Os trabalhos podem ser encaminhados em Português, Inglês ou Espanhol. Após aprovação e revisão técnica, os Artigos e Comunicações terão publicação bilíngue Português/Inglês. A versão do Artigo ou Comunicação em Inglês é de responsabilidade exclusiva dos autores. Após revisão técnica do manuscrito aprovado em Português os autores serão orientados a realizarem a tradução completa do documento para a língua inglesa (que inclui tradução da contribuição de cada autor e de sua titulação), acompanhada de comprovante informando que a tradução foi realizada por um profissional habilitado. O mesmo procedimento será realizado caso o artigo tenha sido encaminhado em inglês ou em espanhol, sendo solicitado, após aprovação, a versão em português.
7. As citações devem ser numeradas de forma consecutiva, de acordo com a ordem em que forem sendo apresentadas no texto. Devem ser identificadas por números arábicos sobrescritos.
8. As referências bibliográficas devem seguir formato denominado "Vancouver Style".

Apresentação das referências bibliográficas devem seguir os seguintes exemplos:

- **Artigos de Periódicos**

Autor(es) do artigo. Título do artigo. Título do periódico abreviado. Data, ano de publicação; volume (número): página inicial-final do artigo.

Ex.: Shriberg LD, Flipsen PJ, Thielke H, Kwiatkowski J, Kertoy MK, Katcher ML et al. Risk for speech disorder associated with early recurrent otitis media with effusions: two retrospective studies. *J Speech Lang Hear Res.* 2000;43(1):79-99.

Observação: Quando as páginas do artigo consultado apresentarem números coincidentes, eliminar os dígitos iguais.

Ex: p. 320-329; usar 320-9. Ex.: Halpern SD, Ubel PA, Caplan AL. Solid-organ transplantation in HIV-infected patients. *N Engl J Med.* 2002Jul; 25(4):284-7.

- **Ausência de Autoria**

Título do artigo. Título do periódico abreviado. Ano de publicação; volume (número):página inicial-final do artigo.

Ex.: Combating undernutrition in the Third World. *Lancet.* 1988;1(8581):334-6.

- **Livros**
Autor(es) do livro. Título do livro. Edição. Cidade de publicação: Editora; Ano de publicação.
Ex.: Murray PR, Rosenthal KS, Kobayashi GS, Pfaller MA. Medical microbiology. 4th ed. St. Louis: Mosby; 2002.
- **Capítulos de Livro**
Autor(es) do capítulo. Título do capítulo. "In": nome(s) do(s) autor(es) ou editor(es). Título do livro. Edição. Cidade de publicação: Editora; Ano de publicação. Página inicial-final do capítulo.
Ex.: Meltzer PS, Kallioniemi A, Trent JM. Chromosome alterations in human solid tumors. In: Vogelstein B, Kinzler KW, editors. The genetic basis of human cancer. New York: McGraw-Hill; 2002. p. 93-113.
Observações: Na identificação da cidade da publicação, a sigla do estado ou província pode ser também acrescentada entre parênteses. Ex.: Berkeley (CA); e quando se tratar de país pode ser acrescentado por extenso.
Ex.: Adelaide (Austrália);
Quando for a primeira edição do livro, não há necessidade de identificá-la;
A indicação do número da edição será de acordo com a abreviatura em língua portuguesa.
Ex.: 4ª ed.
- **Anais de Congressos**
Autor(es) do trabalho. Título do trabalho. Título do evento; data do evento; local do evento. Cidade de publicação: Editora; Ano de publicação.
Ex.: Harnden P, Joffe JK, Jones WG, editors. Germ cell tumours V. Proceedings of the 5th Germ Cell Tumour Conference; 2001 Sep 13-15; Leeds, UK. New York: Springer; 2002.
- **Trabalhos apresentados em congressos**
Autor(es) do trabalho. Título do trabalho apresentado. "In": editor(es) responsáveis pelo evento (se houver). Título do evento: Proceedings ou Anais do título do evento; data do evento; local do evento. Cidade de publicação: Editora; Ano de publicação. Página inicial-final do trabalho.
Ex.: Christensen S, Oppacher F. An analysis of Koza's computational effort statistic for genetic programming. In: Foster JA, Lutton E, Miller J, Ryan C, Tettamanzi AG, editors. Genetic programming. EuroGP 2002: Proceedings of the 5th European Conference on Genetic Programming; 2002 Apr 3-5; Kinsdale, Ireland. Berlin: Springer; 2002. p. 182-91.
- **Dissertação, Tese e Trabalho de Conclusão de curso**
Autor. Título do trabalho [tipo do documento]. Cidade da instituição (estado): instituição; Ano de defesa do trabalho.
Ex.: Borkowski MM. Infant sleep and feeding: a telephone survey of Hispanic Americans [dissertation]. Mount Pleasant (MI): Central Michigan University; 2002.
Ex.: Tannouri AJR, Silveira PG. Campanha de prevenção do AVC: doença carotídea extracerebral na população da grande Florianópolis [trabalho de conclusão de curso]. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina. Curso de Medicina. Departamento de Clínica Médica; 2005.
Ex.: Cantarelli A. Língua: que órgão é este? [monografia]. São Paulo (SP): CEFAC – Saúde e Educação; 1998.
- **Material Não Publicado (No Prelo)**
Autor(es) do artigo. Título do artigo. Título do periódico abreviado. Indicar no prelo e o ano provável de publicação após aceite.
Ex.: Tian D, Araki H, Stahl E, Bergelson J, Kreitman M. Signature of balancing selection in Arabidopsis. Proc Natl Acad Sci USA. No prelo 2002.
- **Material Audiovisual**
Autor(es). Título do material [tipo do material]. Cidade de publicação: Editora; ano.
Ex.: Marchesan IQ. Deglutição atípica ou adaptada? [Fita de vídeo]. São Paulo (SP): Pró-Fono Departamento Editorial; 1995. [Curso em Vídeo].
- **Documentos eletrônicos**
ASHA: American Speech and Hearing Association. Otitis media, hearing and language development. [cited 2003 Aug 29]. Available from: http://asha.org/consumers/brochures/otitis_media.htm.2000
- **Artigo de Periódico em Formato Eletrônico**
Autor(es) do artigo. Título do artigo. Título do periódico abreviado [periódico na Internet]. Data da publicação [data de acesso com a expressão "acesso em"]; volume (número): [número de páginas aproximado]. Endereço do site com a expressão "Disponível em:"
Ex.: Abood S. Quality improvement initiative in nursing homes: the ANA acts in an advisory role. Am J Nurs [serial on the Internet]. 2002 Jun [cited 2002 Aug 12]; 102(6):[about 3 p.]. Available from: <http://www.nursingworld.org/AJN/2002/june/Wawatch.htm>
- **Monografia na Internet**
Autor(es). Título [monografia na Internet]. Cidade de publicação: Editora; data da publicação [data de acesso com a expressão "acesso em"]. Endereço do site com a expressão "Disponível em:".
Ex.: Foley KM, Gelband H, editores. Improving palliative care for cancer [monografia na Internet]. Washington: National Academy Press; 2001 [acesso em 2002 Jul 9]. Disponível em: <http://www.nap.edu/books/0309074029/html/>

- **Cd-Rom, DVD, Disquete**
Autor (es). Título [tipo do material]. Cidade de publicação: Produtora; ano.
Ex.: Anderson SC, Poulsen KB. Anderson's electronic atlas of hematology [CD-ROM]. Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins; 2002.
- **Homepage**
Autor(es) da homepage (se houver). Título da homepage [homepage na Internet]. Cidade: instituição; data(s) de registro* [data da última atualização com a expressão "atualizada em"; data de acesso com a expressão "acesso em"]. Endereço do site com a expressão "Disponível em:".
Ex.: Cancer-Pain.org [homepage na Internet]. New York: Association of Cancer Online Resources, Inc.; c2000-01 [atualizada em 2002 May 16; acesso em 2002 Jul 9]. Disponível em: <http://www.cancer-pain.org/>
- **Bases de dados na Internet**
Autor(es) da base de dados (se houver). Título [base de dados na Internet]. Cidade: Instituição. Data(s) de registro [data da última atualização com a expressão "atualizada em" (se houver); data de acesso com a expressão "acesso em"]. Endereço do site com a expressão "Disponível em:".
Ex.: Jablonski S. Online Multiple Congenital Anomaly/Mental Retardation (MCA/MR) Syndromes [base de dados na Internet]. Bethesda (MD): National Library of Medicine (US). [EMGB1] 1999 [atualizada em 2001 Nov 20; acesso em 2002 Aug 12]. Disponível em: http://www.nlm.nih.gov/mesh/jablonski/syndrome_title.html

Apresentação de tabelas, figuras e legendas deve seguir as seguintes normas:

- **Tabelas**

As tabelas devem estar após as referências bibliográficas. Devem ser autoexplicativas, dispensando consultas ao texto ou outras tabelas e numeradas consecutivamente, em algarismos arábicos, na ordem em que foram citadas no texto. Devem conter título na parte superior, em caixa alta, sem ponto final, alinhado pelo limite esquerdo da tabela, após a indicação do número da tabela, não se utilizando traços internos horizontais ou verticais. Abaixo de cada tabela, no mesmo alinhamento do título, devem constar a legenda, testes estatísticos utilizados (nome do teste e o valor de p), e a fonte de onde foram obtidas as informações (quando não forem do próprio autor). O traçado deve ser simples em negrito na linha superior, inferior e na divisão entre o cabeçalho e o conteúdo. Não devem ser traçadas linhas verticais externas, pois estas configuram quadros e não tabelas.

- **Figuras (gráficos, fotografias, ilustrações, quadros)**

Cada figura deve ser inserida em página separada após as referências bibliográficas. Devem ser numeradas consecutivamente, em algarismos arábicos, na ordem em que foram citadas no texto. As legendas devem ser apresentadas de forma clara, descritas abaixo das figuras, fora da moldura. Na utilização de testes estatísticos, descrever o nome do teste, o valor de p, e a fonte de onde foram obtidas as informações (quando não forem do próprio autor). Os gráficos devem, preferencialmente, ser apresentados na forma de colunas. No caso de fotos, indicar detalhes com setas, letras, números e símbolos, que devem ser claros e de tamanho suficiente para comportar redução. Deverão estar no formato JPG (Graphics Interchange Format) ou TIF (Tagged Image File Format), em alta resolução (mínimo 300 dpi) para que possam ser reproduzidas. Reproduções de ilustrações já publicadas devem ser acompanhadas da autorização da editora e autor. Todas as ilustrações deverão ser em preto e branco.

Legendas

Elaborar as legendas usando espaço duplo, uma em cada página separada. Cada legenda deve ser numerada em algarismos arábicos, correspondendo a cada tabela ou figura e na ordem em que foram citadas no trabalho.

Processo Avaliativo dos Originais

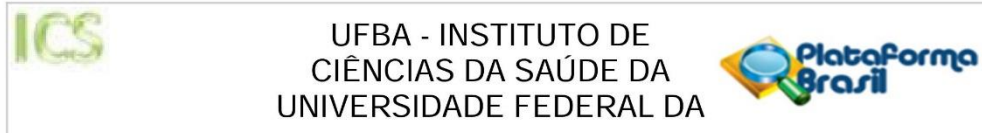
Todo manuscrito enviado para publicação será submetido a uma pré-avaliação inicial, pelo Corpo Editorial e em seguida encaminhado à avaliação de mérito por pares (no mínimo dois pareceristas. O material será devolvido ao(s) autor(es) caso haja necessidade de mudanças ou complementações. Em caso de divergência de pareceres, o texto será encaminhado a um terceiro parecerista, para mediação. A decisão final sobre o mérito do trabalho é de responsabilidade do Corpo Editorial da Revista DIC. A publicação do trabalho implica a cessão integral dos direitos autorais à Revista Distúrbios da Comunicação, não sendo permitida a reprodução parcial ou total de artigos e matérias publicadas, sem a prévia autorização dos editores.

Idiomas dos artigos para publicação: Português, espanhol e inglês.

Dúvidas entrar em contato com o e-mail: revistadic@gmail.com

Fonte: Revista Distúrbios da Comunicação [Internet]. São Paulo: PUC. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/dic/about/submissions#copyrightNotice>

ANEXO 2 – Cópia da aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O desenvolvimento da narrativa na criança surda

Pesquisador: Desirée De Vit Begrow

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 60743216.3.0000.5662

Instituição Proponente: Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Bahia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

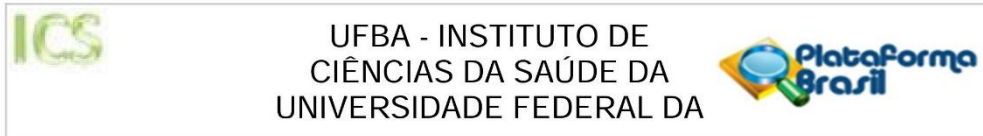
Número do Parecer: 1.887.245

Apresentação do Projeto:

A narrativa surge durante o processo de aquisição da linguagem, visto que a partir da fala do outro, a criança inicia suas experiências enquanto narradora. O papel do interlocutor adulto, sobretudo da família, para a aquisição da linguagem e da narrativa é de fundamental importância, pois é pela interação existente que a criança compreende a língua. Para crianças surdas, filhas de pais ouvintes não usuários da língua de sinais, as oportunidades para que esta interação ocorra são menores do que para as crianças ouvintes, visto que, muitas vezes, as crianças surdas não têm acesso à língua utilizada por seus familiares ouvintes. O objetivo deste estudo é compreender a construção e o desenvolvimento do discurso narrativo em crianças surdas usuárias da Língua de Sinais. Serão selecionadas duas crianças surdas atendidas na Clínica Escola do Curso de

Fonoaudiologia da Universidade Federal da Bahia. Serão realizados dois encontros com cada criança, nos quais serão oferecidos estímulos que eliciem a narrativa, por meio de histórias contidas em filme ou livro. As crianças serão, então solicitadas a recontar a história que lhes foi apresentada em Língua de Sinais, sendo possível observar o desenvolvimento da narrativa destas crianças e verificar o estágio de desenvolvimento da linguagem. Estes momentos serão filmados e transcritos para a Língua Portuguesa, para que possam ser devidamente analisados e a ação com a criança ser minuciosamente interpretada.

Endereço: Miguel Calmon	CEP: 40.110-902
Bairro: Vale do Canela	
UF: BA	Município: SALVADOR
Telefone: (71)3283-8951	E-mail: cep.ics@outlook.com



Continuação do Parecer: 1.887.245

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender a construção e o desenvolvimento do discurso narrativo de crianças surdas por meio da língua de sinais.

Objetivo Secundário:

- Identificar marcas de eclosão da narrativa na língua de sinais em crianças surdas;
- Analisar processos narrativos em crianças surdas sinalizadoras

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

A pesquisa ocorrerá de forma controlada buscando minimizar quaisquer danos ou riscos e caso estes ocorram, a pesquisadora responsável e a colaboradora assumem a responsabilidade de oferecer atendimento de forma a dirimir situações decorrentes desta investigação. É possível que as entrevistas causem certo constrangimento por levar os participantes a recordarem situações que podem trazer desconforto e no caso das crianças participantes, poderão sentir-se cansadas. Para ambas as situações, a pesquisadora interromperá oportunizando tempo e atenção necessárias aos mesmos. Ainda, como as crianças serão abordadas pela pesquisadora no serviço que já frequentam e que recebem orientação e encaminhamento têm a oportunidade de manter essa atenção. Desta forma, os familiares e as crianças não serão submetidos a procedimentos extras, minimizando a possibilidade de riscos de quaisquer natureza. Contudo, a investigação será acompanhada pela pesquisadora principal que também é professora no serviço, colocando-se à disposição para respaldar os atendimentos.

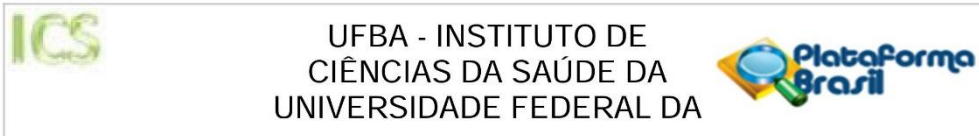
Benefícios:

Os benefícios obtidos com o estudo é o entendimento do processo de desenvolvimento da linguagem e a posterior contribuição através da publicação dos resultados em meios acadêmicos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de RESPOSTA AO PARECER DO CEP ICS N° 1.852.073.

Endereço: Miguel Calmon	CEP: 40.110-902
Bairro: Vale do Canela	
UF: BA	Município: SALVADOR
Telefone: (71)3283-8951	E-mail: cep.ics@outlook.com



Continuação do Parecer: 1.887.245

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os TCLEs e Termo de Assentimento foram re-apresentados e encontram-se adequados.

Recomendações:

Vide o item "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

1. Quanto ao documento intitulado "TCLE_Entrevista.pdf"

1.1. A Resolução CNS N° 466/2012, no item II.23, orienta que o TCLE deve "conter todas as informações necessárias, em linguagem clara e objetiva, de fácil entendimento, para o mais completo esclarecimento sobre a pesquisa a qual se propõe participar". Desta forma, o pesquisador deve rever cuidadosamente o TCLE em busca de termos técnicos e inapropriadamente empregados (ex.: "aspectos narrativos"; "práticas narrativas").

RESPOSTA: Foram removidos e substituídos os termos e expressões considerados inapropriados tais como:

Na página 01/04, primeiro parágrafo: "compreender a construção e desenvolvimento dos aspectos narrativos de crianças surdas que se comunicam por Língua de Sinais", substituído por "compreender como a criança surda utiliza a Língua de Sinais para contar histórias"; "contato com práticas narrativas no cotidiano" substituído por "experiências com histórias contadas pelo adulto em Língua de Sinais".

Na página 01/04, segundo parágrafo: "dirimir" substituído por "evitando"; "oportunizando" substituído por "oferecendo".

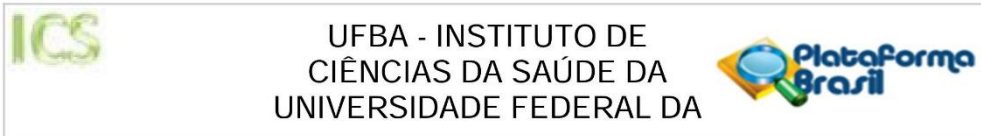
Na página 01/04, quarto parágrafo: "ressarcimento" substituído por "indenização".

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

1.2. Na página 1 de 3 lê-se "Apesar disso, caso seja identificado e comprovado danos provenientes desta pesquisa, o(a) senhor(a) tem assegurado o direito a indenização, desde que comprovado dano exclusivamente decorrente desta pesquisa, caso contrário, não haverá indenização de qualquer natureza." A indenização não deve ser condicionada à comprovação de nexos causal do dano. Desta forma, solicita-se a retirada do trecho que condiciona a indenização à comprovação do nexos causal

RESPOSTA: Na página 01/04, quarto parágrafo, onde lia-se: "Caso isso ocorra o(a) senhor(a)

Endereço: Miguel Calmon	CEP: 40.110-902
Bairro: Vale do Canela	
UF: BA	Município: SALVADOR
Telefone: (71)3283-8951	E-mail: cep.ics@outlook.com



Continuação do Parecer: 1.887.245

receberá ressarcimento feito pelas pesquisadoras, mediante a comprovação adequada", agora lê-se: "Caso isso ocorra o(a) senhor(a) receberá indenização feita pelas pesquisadoras."

Na página 02/04, onde lia-se: "Apesar disso, caso seja identificado e comprovado danos provenientes desta pesquisa, o(a) senhor(a) tem assegurado o direito a indenização, desde que comprovado dano exclusivamente decorrente desta pesquisa, caso contrário, não haverá indenização de qualquer natureza.", agora lê-se: "Apesar disso, caso seja identificado danos gerados por esta pesquisa, o(a) senhor(a) tem assegurado o direito a indenização.", tendo sido, portanto, retirado o trecho solicitado.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

1.3. Em caso de dúvida e questionamentos, o TCLE deve indicar tanto a procura pelo pesquisador principal quanto o próprio CEP. Solicita-se a inclusão de uma breve descrição do que é o Comitê de Ética em Pesquisa e qual sua função no estudo, bem como formas de contato e horário de funcionamento (Resolução CNS 466/2012, item IV.5).

RESPOSTA: Na página 02/04 foi acrescentado o trecho solicitado, com explicações referentes ao que é o CEP, sua função, formas de contato e horário de funcionamento.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

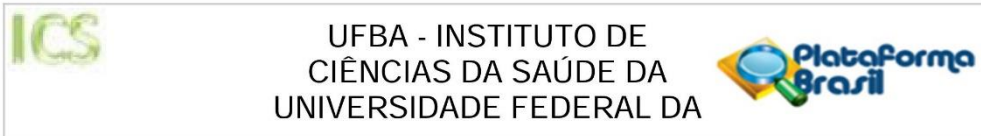
1.4. Após a adição de informações no TCLE, e por questões de configuração a página de assinatura ficar em separado, solicita-se obter a rubrica do participante de pesquisa nas demais folhas do TCLE, considerando-se a proteção do participante, bem como do pesquisador (Resolução CNS 466/2012 item IV.5.d). Adicionalmente, solicita-se a numeração das páginas.

RESPOSTA: Todas as páginas do documento foram numeradas e foram adicionados campos para rubrica tanto do participante como do pesquisador, exceto nas páginas próprias para as assinaturas.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

1.5. De acordo com a Resolução CNS N° 466/2012, item III.2.i, as pesquisas devem (...) "prever

Endereço: Miguel Calmon	CEP: 40.110-902
Bairro: Vale do Canela	
UF: BA	Município: SALVADOR
Telefone: (71)3283-8951	E-mail: cep.ics@outlook.com



Continuação do Parecer: 1.887.245

procedimentos que assegurem a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes da pesquisa, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros". Desta forma, solicita-se que o pesquisador esclareça como será o mecanismo utilizado para garantir a confidencialidade e a anonimização dos dados

RESPOSTA: Na página 01/04, terceiro parágrafo, foi acrescido o seguinte trecho: "Esclarecemos que qualquer informação decorrente desse instrumento será utilizado unicamente para fins desta pesquisa e ficará em posse restrita dos pesquisadores e, após a finalização desta, os dados serão destruídos. Ainda, em virtude de qualquer publicação dos resultados seu nome ou qualquer outra informação que o identifique não aparecerá. Esclarecemos que esta entrevista não será gravada em áudio ou vídeo e no lugar de seu nome ou do nome de seu filho, será usado um nome fictício"

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

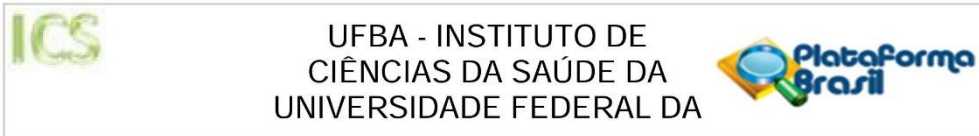
2. Quanto ao documento intitulado "TCLE_Responsavel.pdf":

2.1. A Resolução CNS N° 466/2012, no item II.23, orienta que o TCLE deve "conter todas as informações necessárias, em linguagem clara e objetiva, de fácil entendimento, para o mais completo esclarecimento sobre a pesquisa a qual se propõe participar". Desta forma, o pesquisador deve rever cuidadosamente o TCLE em busca de termos técnicos e inapropriadamente empregados (ex.: "aspectos narrativos"; "habilidades narrativas"; "devidamente analisados para que a intervenção ocorrida possa ser minuciosamente interpretada").

RESPOSTA: Foram removidos e substituídos os termos e expressões considerados inapropriados tais como:

Na página 01/04, primeiro parágrafo: "compreender a construção e desenvolvimento dos aspectos narrativos de crianças surdas que se comunicam por Língua de Sinais", substituído por "compreender como a criança surda utiliza a Língua de Sinais para contar histórias"; "habilidades narrativas" substituído por "habilidades para contar histórias"; "Estes encontros serão filmados para que depois os acontecimentos possam ser transcritos para a Língua Portuguesa e devidamente analisados para que a intervenção ocorrida possa ser minuciosamente interpretada" substituído por "Estes encontros serão filmados para que depois os acontecimentos possam ser

Endereço: Miguel Calmon	CEP: 40.110-902
Bairro: Vale do Canela	
UF: BA	Município: SALVADOR
Telefone: (71)3283-8951	E-mail: cep.ics@outlook.com



Continuação do Parecer: 1.887.245

analisados e interpretados cuidadosamente e de forma detalhada.”.
 Na página 01/04, segundo parágrafo: "dirimir" substituído por "evitando".
 Na página 02/04, linha 1: "oportunizando" substituído por "oferecendo";
 Na página 02/04, segundo parágrafo: "ressarcimento" substituído por "indenização".

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

2.2. Na página 1 de 3 lê-se "Apesar disso, caso seja identificado e comprovado danos provenientes desta pesquisa, o Menor tem assegurado o direito a indenização, desde que comprovado dano exclusivamente decorrente da pesquisa, caso contrário, não haverá indenização de qualquer natureza." A indenização não deve ser condicionada à comprovação denexo causal do dano. Desta forma, solicita-se a retirada do trecho que condiciona a indenização à comprovação do nexocausal.

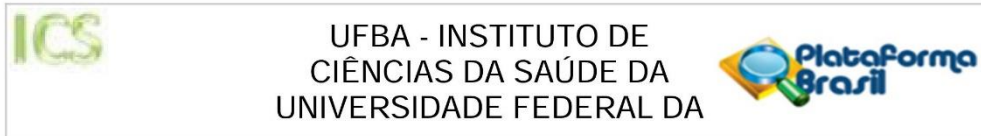
RESPOSTA: Na página 02/04, segundo parágrafo, onde lia-se: "Caso isso ocorra a criança receberá ressarcimento feito pelas pesquisadoras, mediante a comprovação adequada", agora lê-se: "Caso isso ocorra a criança receberá indenização feita pelas pesquisadoras".
 Ainda na página 02/04, segundo parágrafo, onde lia-se: "Apesar disso, caso seja identificado e comprovado danos provenientes desta pesquisa, o Menor tem assegurado o direito a indenização, desde que comprovado dano exclusivamente decorrente desta pesquisa, caso contrário, não haverá indenização de qualquer natureza.", agora lê-se: "Apesar disso, caso seja identificado danos gerados por esta pesquisa, o Menor tem assegurado o direito a indenização.", tendo sido, portanto, retirado o trecho solicitado.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

2.3. Em caso de dúvida e questionamentos, o TCLE deve indicar tanto a procura pelo pesquisador principal quanto o próprio CEP. Solicita-se a inclusão de uma breve descrição do que é o Comitê de Ética em Pesquisa e qual sua função no estudo, bem como formas de contato e horário de funcionamento (Resolução CNS 466/2012, item IV.5).

RESPOSTA: Na página 02/04, último parágrafo, foi acrescentado o trecho solicitado, com explicações referentes ao que é o CEP, sua função, formas de contato e horário de funcionamento.

Endereço: Miguel Calmon	CEP: 40.110-902
Bairro: Vale do Canela	
UF: BA	Município: SALVADOR
Telefone: (71)3283-8951	E-mail: cep.ics@outlook.com



Continuação do Parecer: 1.887.245

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

2.4. Após a adição de informações no TCLE, e por questões de configuração a página de assinatura ficar em separado, solicita-se obter a rubrica do participante de pesquisa nas demais folhas do TCLE, considerando-se a proteção do participante, bem como do pesquisador (Resolução CNS 466/2012 item IV.5.d). Adicionalmente, solicita-se a numeração das páginas.

RESPOSTA: Todas as páginas do documento foram numeradas e foram adicionados campos para rubrica tanto do participante como do pesquisador, exceto nas páginas próprias para a assinatura.

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

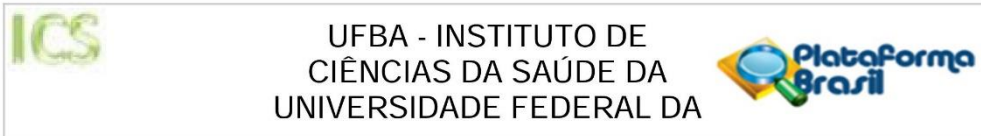
2.5. No documento "Projeto_de_Pesquisa_Bianca_Bogarin_Barreto.pdf", na página 16 de 43 lê-se "Após a seleção das crianças, sujeitos nessa investigação, se procederá a coleta de dados. Inicialmente se fará a análise dos prontuários de cada uma das crianças selecionadas, baseando-se em uma ficha de caracterização individual (APÊNDICE D), a fim de conhecer os casos a serem estudados, levando-se em consideração". Entretanto, no TCLE, não identificamos a informação de intenção de consulta ao prontuário dos menores de idade participantes da pesquisa. Essa informação deve ser claramente expressa no TCLE, assegurando, sobretudo, a questão da confidencialidade dos dados. Solicita-se adequação.

RESPOSTA: Na página 01/04, primeiro parágrafo, foi acrescentado o seguinte trecho: "Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: 1) Realização de uma consulta ao prontuário da criança no serviço para que a pesquisadora possa obter informações importantes como o uso da Língua de Sinais pelos familiares e a escola em que a criança estuda, o tipo e o grau da surdez, entre outras. Os dados obtidos através da consulta ao prontuário serão utilizados somente para fins acadêmicos, não sendo divulgados pela pesquisadora em nenhum outro meio que não seja o resultado final da pesquisa."

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

2.6. De acordo com a Resolução CNS N° 466/2012, item III.2.i, as pesquisas devem (...) "prever

Endereço: Miguel Calmon	CEP: 40.110-902
Bairro: Vale do Canela	
UF: BA	Município: SALVADOR
Telefone: (71)3283-8951	E-mail: cep.ics@outlook.com



Continuação do Parecer: 1.887.245

procedimentos que assegurem a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes da pesquisa, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros". Desta forma, solicita-se que o pesquisador explique como será o mecanismo utilizado para garantir a confidencialidade e a anonimização dos dados.

RESPOSTA: Na página 02/04, primeiro parágrafo, foi acrescido o seguinte trecho: "Esclarecemos que qualquer informação decorrente desse instrumento será utilizado unicamente para fins desta pesquisa e ficará em posse restrita dos pesquisadores e, após a finalização desta, os dados serão destruídos. Ainda, em virtude de qualquer publicação dos resultados seu nome ou qualquer outra informação que o identifique não aparecerá. Esclarecemos que esta entrevista não será gravada em áudio ou vídeo e no lugar de seu nome ou do nome de seu filho, será usado um nome fictício".

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

3. Quanto ao documento intitulado "Termo_assentimento.pdf":

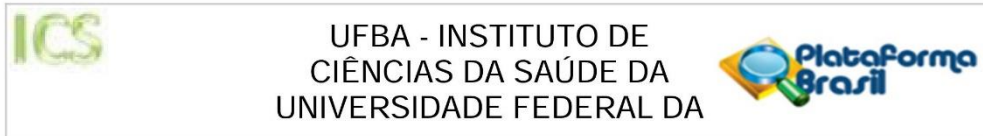
3.1. É necessário que o pesquisador utilize, para a elaboração do Termo de Assentimento, linguagem adequada à faixa etária destinada. Solicita-se adequação.

RESPOSTA: O Termo de Assentimento foi modificado, adequando-se a linguagem à faixa etária das crianças que participarão da pesquisa.

ANÁLISE:PENDÊNCIA ATENDIDA.

Após o atendimento das pendências listadas no PARECER CEP ICS N° 1.852.073, não se observa óbices éticos no protocolo de pesquisa apresentado e, desta forma, somos favoráveis à aprovação do mesmo.

Endereço: Miguel Calmon	CEP: 40.110-902
Bairro: Vale do Canela	
UF: BA	Município: SALVADOR
Telefone: (71)3283-8951	E-mail: cep.ics@outlook.com



Continuação do Parecer: 1.887.245

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências da Saúde (CEP ICS), de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº. 466 de 2012 e na Norma Operacional nº. 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto. Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP ICS de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, inicialmente em 09/07/2017, e ao término do estudo. O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 466/12 em substituição à Res. CNS 196/96 - Item IV.1.f) e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (Item IV.2.d). O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS Item III.3.z), aguardando seu parecer, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa (Item V.3) que requeiram ação imediata. O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS Item V.4). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária ANVISA junto com seu posicionamento.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Outros	Carta_Resposta_word.doc	09/01/2017 11:52:27	ANA PAULA CORONA	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_765875.pdf	20/12/2016 20:20:23		Aceito
Outros	Carta_Resposta.pdf	20/12/2016 20:17:56	Bianca Bogarin Barreto	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa_Bianca_Bogarin_Barreto_Modificado.docx	20/12/2016 20:15:06	Bianca Bogarin Barreto	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Entrevista_Modificado.pdf	20/12/2016 20:13:59	Bianca Bogarin Barreto	Aceito

Endereço: Miguel Calmon

Bairro: Vale do Canela

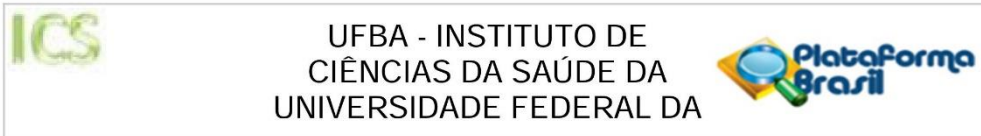
CEP: 40.110-902

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3283-8951

E-mail: cep.ics@outlook.com



Continuação do Parecer: 1.887.245

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Responsavel_Modificado.pdf	20/12/2016 20:13:13	Bianca Bogarin Barreto	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_assentimento_Modificado.pdf	20/12/2016 20:12:53	Bianca Bogarin Barreto	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa_Bianca_Bogarin_Barreto.pdf	22/09/2016 22:02:18	Bianca Bogarin Barreto	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Responsavel.pdf	22/09/2016 22:00:32	Bianca Bogarin Barreto	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Entrevista.pdf	22/09/2016 22:00:10	Bianca Bogarin Barreto	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Carta_anuencia.pdf	31/08/2016 23:55:25	Bianca Bogarin Barreto	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	31/08/2016 23:53:34	Bianca Bogarin Barreto	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_assentimento.pdf	27/08/2016 21:13:59	Bianca Bogarin Barreto	Aceito
Outros	termo_responsabilidade_e_compromisso_do_pesquisador_responsavel.pdf	27/08/2016 20:55:16	Bianca Bogarin Barreto	Aceito
Outros	declaracao_de_confidencialidade_do_sujeito_no_estudo.pdf	27/08/2016 20:53:49	Bianca Bogarin Barreto	Aceito
Outros	carta_encaminhamento.pdf	27/08/2016 20:49:38	Bianca Bogarin Barreto	Aceito
Outros	termo_compromisso_dados_prontuario.pdf	27/08/2016 20:48:36	Bianca Bogarin Barreto	Aceito
Declaração de Pesquisadores	equipe_detalhada.pdf	27/08/2016 20:45:24	Bianca Bogarin Barreto	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Miguel Calmon
Bairro: Vale do Canela **CEP:** 40.110-902
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3283-8951 **E-mail:** cep.ics@outlook.com



Continuação do Parecer: 1.887.245

SALVADOR, 09 de Janeiro de 2017

Assinado por:
ANA PAULA CORONA
(Coordenador)

Endereço: Miguel Calmon
Bairro: Vale do Canela
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3283-8951 **CEP:** 40.110-902
E-mail: cep.ics@outlook.com

ANEXO 3

Projeto do Trabalho de Conclusão de Curso



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE FONAUDIOLOGIA
CURSO DE FONAUDIOLOGIA

BIANCA BOGARIN BARRETO

O DESENVOLVIMENTO DA NARRATIVA NA CRIANÇA SURDA

Salvador – BA
2016

BIANCA BOGARIN BARRETO

O DESENVOLVIMENTO DA NARRATIVA NA CRIANÇA SURDA

Projeto do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Fonoaudiologia, Instituto de Ciências da Saúde, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel.

Orientadora: Prof. Dra. Desirée De Vit Begrow.

Salvador – BA

2016

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	3
2	OBJETIVOS.....	5
2.1	OBJETIVO GERAL.....	5
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	5
3	REVISÃO DE LITERATURA.....	5
4	QUADRO TEÓRICO.....	7
4.1	LINGUAGEM.....	7
	• NARRATIVA.....	9
4.2	SURDO.....	11
	• LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS.....	13
	• AQUISIÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM PARA CRIANÇA SURDA.....	15
5	METODOLOGIA.....	16
6	ASPECTOS ÉTICOS.....	17
7	CRONOGRAMA.....	17
8	ORÇAMENTO.....	18
	REFERÊNCIAS.....	19
	APÊNDICES.....	21
	APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Para a participação da criança na pesquisa.....	22
	APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Para a participação do responsável na entrevista.....	26
	APÊNDICE C – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.....	30
	APÊNDICE D – Ficha de Caracterização.....	32
	APÊNDICE E – Entrevista.....	34
	ANEXOS.....	36
	ANEXO A – Carta de Encaminhamento.....	37
	ANEXO B – Carta de Anuência.....	38
	ANEXO C – Equipe Detalhada e Funções de Cada Membro do Projeto....	39

ANEXO D – Termo de Responsabilidade e Compromisso do Pesquisador e Responsável.....	40
ANEXO E – Declaração de Confidencialidade do Sujeito no Estudo.....	41
ANEXO F – Termo de Compromisso para Utilização de Dados em Prontuários de Pacientes e de Bases de Dados em Projetos de Pesquisa.....	42

1 INTRODUÇÃO

De acordo com BRASIL (2004b), narrar é relatar um acontecimento, seja ele real ou imaginário, no qual ocorre uma sucessão de ações interligadas por um nexó lógico em que tem participação o homem ou um ente personificado (pessoa ou personagem). Pinna (2006) diz que existem cinco elementos essenciais para a existência da narrativa, sendo estes os acontecimentos, os personagens, o tempo, o espaço e o narrador, elemento fundamental, uma vez que é ele que transmite a história, sendo o mediador entre esta e o ouvinte, leitor ou espectador.

A narrativa surge durante o processo de aquisição da linguagem, visto que a partir da fala do outro, a criança inicia suas experiências enquanto narradora (LACERDA; LODI, 2006). De acordo com a perspectiva sócio-histórico cultural, inicialmente a criança se apropria dos conhecimentos através da imitação, para assim desenvolver e interiorizar a linguagem, construindo seu pensamento até conseguir se expressar sozinha (VYGOTSKY, 1984, 1987). Sendo assim, Lacerda e Lodi (2006) destacam a importância do interlocutor adulto, sobretudo da família, para a aquisição da linguagem e da narrativa, pois pela interação existente é que a criança compreenderá a língua.

Para as autoras supracitadas, no caso de crianças ouvintes, essa interação necessária entre ela e o adulto ocorre de maneira natural, pois a criança tem a oportunidade de estar em contato constante com a fala do outro, principalmente dos pais, em momentos de contar histórias, narrar atividades cotidianas e em conversas ao longo do dia, favorecendo sua evolução como narradora. No entanto, para crianças surdas, filhas de pais ouvintes não usuários da língua de sinais, as autoras afirmam que as oportunidades para que esta relação dialógica ocorra são menores do que para as crianças ouvintes, visto que, muitas vezes, as crianças surdas não têm acesso à língua utilizada por seus familiares ouvintes. No decorrer da infância, embora haja a interação entre a criança surda e inúmeras pessoas, onde buscará diferentes formas de se comunicar, esta interação/comunicação ocorrerá basicamente com ouvintes não usuários da língua de sinais, o que levará a uma dificuldade no desenvolvimento dos processos discursivos e enunciativos necessários para o uso das diversas práticas de linguagem presentes nas diferentes situações cotidianas. Para as autoras, no caso de pais ouvintes, estes, provavelmente não dominarão completamente a língua de sinais, e mesmo que haja um domínio parcial, isso não favorece que os adultos narrem em sinais, ou seja, que se constituam como interlocutores efetivos nessa língua. Sendo assim, a comunicação estabelecida acaba sendo fragmentada,

marcada pela dificuldade no uso de estratégias visuais, pelo uso restrito de vocabulário e pela incompletude de enunciados em língua de sinais.

Na busca de estudos que ajudassem a compreender como ocorre a construção do discurso narrativo em crianças surdas, mediante o desenvolvimento e apropriação da Língua de Sinais, foi possível perceber que pesquisas sobre a narrativa costumam ter como foco principal crianças ouvintes, sendo, portanto, escassos no que se refere às crianças surdas que se comunicam por meio da LS. De acordo com Lacerda e Lodi (2006), os estudos que visam compreender o desenvolvimento da linguagem de crianças surdas, geralmente focalizam apenas o modo como os sinais são por elas apropriados e como são combinados na construção de seus enunciados. Deste modo, faz-se necessário e pertinente um aprofundamento nesta área para que seja melhor explorada, a fim de que os processos de desenvolvimento da linguagem e da narrativa dessas crianças sejam mais estudados e discutidos.

Este estudo pretende, portanto, compreender a construção do discurso narrativo em crianças surdas usuárias da Língua de Sinais, tendo como foco, entretanto, não o gênero textual, que se divide em mitos, contos, histórias, etc, mas a função que este tipo de discurso exerce na construção do sujeito, seja ele surdo ou ouvinte, visto que as narrativas são formas inerentes em nosso modo de alcançar conhecimentos que estruturam a experiência do mundo e de nós mesmos. Narrar nos permite dar ordem e coerência às nossas experiências. Assim, compreender a aquisição da narrativa em Língua de Sinais se faz importante, pois como afirmam Vieira e Sperb (2007, p.18),

através da construção das imagens e narrativas, a criança procura organizar o fluxo de acontecimentos em termos de uma experiência que faça, para ela, algum sentido, isto, de maneira que ela possa reagir a esta experiência e participar, de algum modo, na construção de sua própria vida. [...] Sem esse ato de construção de sentido, não há representação mental possível da vida, sendo esta apenas uma sequência de eventos dos quais a criança tem pouco a ver e a dizer.

Macedo e Sperb (2007) citam Fivush & Haden¹ (1997) ao afirmarem que o desenvolvimento das formas narrativas pode influenciar a maneira como a criança pequena entende e representa suas experiências no mundo real, e ainda, que por meio do ato de narrar, a criança cria e confere significado à sua própria vida. Para as autoras, a construção de histórias em forma de narrativa ajuda a pessoa a conhecer a si mesma e aos outros, assim, conversar sobre o passado e o futuro torna a vida compreensível e promove ao sujeito, a possibilidade de falar sobre si. Diante de tamanha importância da narrativa na vida do sujeito e de o mesmo

¹ Fivush, R., & Haden, C. A. Narrating and representing experience: preschoolers' developing autobiographical accounts. In P. W. Van den Broek, P. J. Bauer, & T. Bourg (Orgs.), **Developmental spans in event comprehension and representation** (pp. 169-196). Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1997.

saber desempenhar corretamente o papel de narrador, este trabalho busca resposta à seguinte questão: Como as crianças surdas, que nem sempre crescem tendo um *input* linguístico adequado, por não terem sido expostas de maneira efetiva a um tipo de linguagem convencional (o português ou a Língua de Sinais) desde a mais tenra idade, desenvolvem a função de narrar usando a língua sinalizada?

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender a construção e o desenvolvimento do discurso narrativo de crianças surdas por meio da língua de sinais.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar marcas de eclosão da narrativa na língua de sinais em crianças surdas;
- Analisar processos narrativos em crianças surdas sinalizadoras.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Apesar de serem encontrados poucos estudos que enfoquem a narrativa de crianças surdas em língua de sinais, as pesquisas encontradas foram unânimes ao retratar ou apontar a necessidade de que a criança receba, o mais cedo possível, um *input* linguístico adequado através do contato precoce com surdos usuários da língua de sinais.

Lacerda e Lodi (2006) afirmam que para conhecer e compreender o modo como as crianças surdas filhas de pais ouvintes estruturam suas primeiras narrativas durante seu desenvolvimento de linguagem, é necessário considerar o modo como, frequentemente, elas têm acesso e desenvolvem/aprendem a língua de sinais, considerando, para tal, a interação da criança com interlocutores efetivos em língua de sinais, fundamentais na atividade interindividual. De acordo com as autoras, a língua de sinais é a única capaz de permitir a entrada dos sujeitos na linguagem e de constituí-los como sujeitos linguísticos; portanto, ela deve ser desenvolvida o mais cedo possível e de maneira natural – na relação com adultos surdos usuários da língua. É fundamental, também, que ela tenha a possibilidade de vivenciar experiências de narrativas como usuários da língua de sinais e que, portanto, constituam-se como interlocutores efetivos nessa língua.

As autoras ainda dizem que por volta dos dois anos e meio de idade, as crianças surdas (filhas de pais surdos e, portanto, usuárias de língua de sinais desde bebês) usam apenas sinais isolados para descrever figuras. Entre 2 e 3 anos, ao contar uma história, diversas combinações de sinais podem ser observadas, no entanto, nota-se que, durante essa construção discursiva, as

crianças não fazem o estabelecimento dos locais de referência. Só após os 5 anos de idade, as crianças começam a usar referências espaciais e a realizar a concordância verbal utilizando estes locais e, por volta dos 6 anos, a utilizar, consistentemente, a concordância verbal apropriada (LACERDA; LODI, 2006).

Neves (2012) destaca a simultaneidade como uma importante característica da narrativa. Segundo a autora, os adultos não necessitam de muito esforço para codificar a simultaneidade de eventos que coocorrem, enquanto as crianças precisam de um período prolongado para desenvolver essa característica:

Para as crianças, exercer a sobreposição de duas partes do episódio é uma tarefa difícil, elas se concentram em apenas uma das duas partes. Por volta dos seis anos, as crianças procuram usar os dispositivos linguísticos, como os classificadores, pronomes, mas todos no nível sentencial ao contar as histórias. Dos sete aos dez anos, elas continuam descrevendo sequencialmente as duas partes da cena, mas já são capazes de incluir dois personagens e alternar entre eles. Essas diferenças demonstram que crianças de idades distintas apresentam evidências de desenvolvimento na habilidade narrativa (NEVES, 2012, p.50).

Gesueli (2000) realizou um estudo sobre a narrativa de crianças surdas com idade entre seis e sete anos, de uma classe pré-escolar em fase de aquisição da língua de sinais. Neste estudo, o professor surdo apresentava, em Libras, contos da literatura infantil que depois deveriam ser recontados pelas crianças para a professora ouvinte. A autora destaca a importância de que a criança surda faça uso da linguagem por meio de construções narrativas, pois percebeu em seu estudo que ao assumir o papel de narrador a criança faz uma reelaboração da história de acordo com seu conhecimento de mundo e toma como base outras que já lhe foram contadas, assumindo papéis ativos durante a reconstrução e fazendo um uso efetivo da língua de sinais. Como afirmam Hachimine e Dias (2012) a oportunidade de recontar histórias favorece a organização do pensamento da criança. As autoras citam Silva² (2005), ao dizerem que enquanto narram, as crianças desenvolvem suas funções cognitivas, o raciocínio lógico e as relações espaciais e temporais. As mesmas autoras supracitadas realizaram um estudo na tentativa de descrever e analisar como as crianças compreendem e se expressam em Libras, recontando histórias infantis durante o período de aquisição dessa língua. Participaram do estudo duas crianças de seis e nove anos em processo de apropriação de Libras. As autoras concluíram que:

A criança surda ao narrar uma história em língua de sinais, passa aos seus interlocutores o mais importante que interiorizou sobre o tema. Quando a história for contada em Libras por um surdo adulto, a criança tem condições de se reportar aos personagens, aos momentos considerados mais emocionantes ou àquelas passagens que mais lhe chamaram a atenção. Mesmo quando a criança surda ainda não conhece

² SILVA, C. M. C. A importância de contar histórias para as crianças. 2005. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/entrevistas/entrevista.asp?entrID=64>>.

um sinal que aparece na história, o surdo adulto, a partir de expressões faciais, movimentos de corpo e exploração do espaço disponível, consegue garantir acesso à informação, o que mostra a importância da sua atuação para o desenvolvimento da linguagem desses alunos (HACHIMINE; DIAS, 2012, p.18).

As mesmas autoras trazem ainda um estudo com crianças surdas realizado por Bernardino³ (2000). Neste estudo notou-se que nas produções de vários dos sujeitos observados, o discurso direto caracterizou-se pelo posicionamento do corpo. Os sujeitos alternavam as mãos para representar personagens diferentes, e ocorriam ambiguidades quando os protagonistas não eram inicialmente identificados por meio de um nome ou localização espacial. O direcionamento do olhar indicava contato negativo ou positivo, marcando a localização de objetos ou protagonistas.

Carvalho (2013) afirma que todos os estudos pesquisados na elaboração de sua dissertação de mestrado sobre o desenvolvimento cognitivo e linguístico em crianças surdas tendem a concluir que as crianças surdas e ouvintes fazem exatamente o mesmo percurso de desenvolvimento, com o mesmo tempo de maturação, cumprindo as mesmas fases e apresentando as mesmas possibilidades de criação de sistemas linguísticos complexos, desde que às crianças surdas, tal como às ouvintes, seja proporcionado um *input* linguístico adequado às suas necessidades. Para a autora, possuir uma língua estruturada que possibilite a criança interagir com a sua comunidade natural leva a que haja a aprendizagem da segunda língua (a Língua Portuguesa) para que assim possa se comunicar com o meio que normalmente a envolve e ter acesso a toda a informação.

Rosa (2009) afirma que na revisão da literatura para sua pesquisa, foram encontrados poucos estudos efetuados com crianças surdas sobre aquisição e desenvolvimento da narrativa. Sabe-se, no entanto, que a barreira da comunicação entre a família e o seu filho surdo dificulta o diálogo, sendo consideravelmente reduzidas as práticas sociais de convívio com a narração de histórias e acontecimentos. A autora ressaltou que as dificuldades encontradas pelos surdos na estruturação de uma narrativa podem ser diminuídas se as crianças surdas tiverem a possibilidade de ouvir histórias contadas em língua gestual desde muito cedo.

4 QUADRO TEÓRICO

4.1 LINGUAGEM

Para Vygotsky (1987) é necessário diferir o conceito de linguagem e fala. Assim, este autor percebe a linguagem mais que uma forma de comunicação, mas como uma função

³ BERNARDINO, E. L. **Absurdo ou lógica?** a produção linguística do surdo. Belo Horizonte: Profetizando Vida, 2000.

reguladora do pensamento. Já a fala, para ele, é a linguagem em ação, a produção linguística do falante no discurso, tendo uma conotação de ação que envolve o contexto. Nesta mesma direção, Goldfeld (2002) destaca a importância de se entender a fala como a produção do falante que deve ser sempre analisada na relação de interação, ou seja, no diálogo, o que implica em percebê-la para além do ato motor de articulação dos fonemas. A mesma autora complementa afirmando que o sentido de linguagem é algo muito amplo, sendo tudo aquilo que envolve significação, que tem um valor semiótico e que é por ela que o pensamento do indivíduo se constitui. Sendo assim, para a autora, “a linguagem está sempre presente no sujeito, mesmo nos momentos em que este não está se comunicando com outras pessoas. A linguagem constitui o sujeito, a forma como este recorta e percebe o mundo e a si próprio” (p. 19).

Fernandes (2003) apresenta como conceito de língua um tipo de linguagem que se define como um sistema abstrato de regras gramaticais. Porém, Goldfeld (2002) busca as ideias de Bakhtin em que ele critica a visão de língua como um sistema de formas que remetem a uma norma, sempre igual e comum a todos os falantes. Para ele este conceito de língua não é suficiente para o diálogo, e não é assim, como um sistema de normas abstratas, que o falante reconhece, mas sim como um conjunto de significações dadas em um determinado contexto. Assim, a autora diz que

Bakhtin⁴ (1990) considera a significação um aspecto bastante importante da língua, ressaltando que a enunciação só ganha sentido no contexto social no qual está inserida. O autor percebe a língua numa situação de diálogo constante. A corrente comunicativa é ininterrupta, toda enunciação está relacionada com as enunciações anteriores e posteriores a ela. [...] A língua, as significações, na concepção de Bakhtin, que converge com a ideia de Vygotsky, constitui a consciência do indivíduo. [...] A língua (o diálogo), é o instrumento que permite ao indivíduo receber a ideologia de sua comunidade e também lhe permite atuar nessa comunidade interagindo e expondo suas ideias (GOLDFELD, 2002, p. 19 e 20).

Para Vygotsky (1987), existe uma relação de interdependência entre pensamento e linguagem, na qual esta determina a maior parte do pensamento, o pensamento verbal, sendo então indispensável para o desenvolvimento deste. Para ele, o processo pelo qual a criança adquire a linguagem segue o sentido do exterior para o interior, do meio social para o indivíduo. Segundo Vygotsky, a aquisição da linguagem passa por três fases: a linguagem social, que seria esta que tem por função denominar e comunicar, e seria a primeira linguagem que surge. Depois teríamos a linguagem egocêntrica e a linguagem interior, intimamente ligada ao pensamento.

Goldfeld (2002) afirma que Bakhtin compartilha das ideias vigotskianas sobre a interdependência entre pensamento e linguagem, afirmando que os signos são os mediadores

⁴ BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo. Hucitec, 1990.

entre a ideologia e a consciência já que “o pensamento não é simplesmente expresso em palavras, é por meio delas que ele passa a existir” (VYGOTSKY, 1987, p.108). Fernandes (2003) complementa este pensamento apresentado ao afirmar que a partir do momento em que a língua passa a fazer parte do universo de representações de um indivíduo, em seus primeiros anos de vida, se inicia uma interação entre linguagem e pensamento no processo de interpretação significativa de seu universo conceitual.

- **NARRATIVA**

De acordo com Perroni (1992), narrativa é a recapitulação de experiências seguindo a mesma ordem dos eventos originais. Para a autora, a narrativa possui características que são fundamentais tais como a dependência temporal entre os enunciados narrados e o emprego do verbo no tempo pretérito perfeito. Além disso, Perroni (1983, p.19) afirma que “para que haja narrativa, é indispensável o acontecimento singular e inédito, digno de ser narrado”.

Para Bakhtin (1997) a produção do enunciado não é resultante apenas da utilização dos recursos linguísticos pelo falante, tais como, lexicais, semânticos ou sintáticos, mas se orienta também pela escolha do gênero discursivo. O autor afirma que as experiências comunicativas reais é que nos permitem selecionar adequadamente o gênero discursivo, considerando-se as particularidades do interlocutor e da situação em que se dá a interação. Assim, para Bakhtin, é a partir dos enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos no momento da comunicação verbal viva com os indivíduos que nos rodeiam que aprendemos a composição do léxico e da estrutura gramatical da língua materna. Tais unidades e regras, portanto, são aprendidas na experiência com a própria língua.

Lacerda e Lodi (2006) afirmam que é durante o processo de desenvolvimento da linguagem que emerge a narrativa. É por intermédio desta que a criança desenvolve um vocabulário adequado para o uso e identificação de aspectos discursivos específicos do contar histórias; começa a fazer uso de estruturas linguísticas apropriadas para a representação das relações temporais entre os eventos; e desloca os eventos discursivos de seu contexto imediato ao fazer referência ao lá-e-então e não mais ao aqui-e-agora. As autoras afirmam ainda que este surgimento da narrativa se origina aos dois anos de idade, quando a criança começa a falar sobre suas próprias experiências, permitindo que ela remova e desloque seus enunciados no tempo e no espaço, pois é obrigada a fazer referências a eventos que ocorreram no passado.

Neves (2012) concorda com as autoras acima ao afirmar que as crianças ouvintes expostas à língua falada começam aos dois anos de idade a falar sobre eventos passados. Trata-se de uma narrativa descontextualizada, utilizada para narrar a progressão de eventos realizados no

passado. Quanto às histórias imaginárias, consideradas precursoras da narrativa propriamente dita, Perroni (1992) afirma que as primeiras tentativas de elaboração começam aos três anos. Dos três aos quatro anos, Neves (2012) afirma as crianças podem falar sobre um ou mais eventos, constroem discursos longos e começam a usar os componentes estruturais da narrativa, incluindo a informação (“onde”, mas não “quem”), eventos, complicações, desfechos e resultados. Nessa idade o uso da coesão e da sequência são inconsistentes, e as crianças se concentram no que lhes interessa, e não na cronologia da história. Elas costumam utilizar o “depois” para realizar o encadeamento de sentença. Sendo assim, de acordo com Lacerda e Lodi (2006), é no período entre 2 e 4 anos de idade, que pode ser observada uma transformação significativa nas narrativas das crianças. Seu discurso deixa de ser fragmentos de enunciados e passa a ser enunciações elaboradas que começam a incluir informações sobre os participantes da história, ricas representações sobre os contextos dos acontecimentos e a conter elementos da estrutura canônica da narrativa, como a sequencialização dos eventos até chegar ao ponto alto da narrativa.

Para Neves (2012), antes de aproximadamente cinco anos de idade, as construções das narrativas são guiadas pelas imagens em si e as referências são dêiticas (por exemplo, apontar imagens no livro) e não por meio de anáfora⁵. Perroni (1992) traz que aproximadamente aos cinco anos, a criança assume o papel do narrador e domina certa técnica de construção de narrativas. Aos seis anos, segundo a autora, as narrativas das crianças se aproximam das narrativas dos adultos. As crianças mais novas utilizam entonações mais marcadas, numerosas pausas e um ritmo mais lento. Algumas hesitações podem ser manifestadas pelas crianças, na tentativa de lembrar eventos e reelaborar a história. A expressão “depois” é utilizada para a localização temporal dos eventos.

Os estudos desenvolvidos por Perroni (1983) sobre o desenvolvimento do discurso narrativo em crianças pequenas reforçam a ideia que esse é um tipo de discurso cujas “estruturas mínimas” se constroem em interação com o adulto, pelo diálogo, durante os anos que antecedem a iniciação formal à linguagem escrita. Inicialmente o seu discurso está muito ligado à realidade imediata, às suas vivências, passando depois para a “história” ficcionada e finalmente para o “caso”, uma estrutura mista onde a criança combina livremente o mundo real e o imaginário.

Miranda (2000), afirma que há três formas diferentes de assistência por parte do adulto no desenvolvimento da narrativa na criança. Quando a criança ainda mostra pouca elaboração, o adulto funciona como modelo, questiona mais, conduz o processo de narração e assume co-

⁵ Termo ou expressão que em um texto ou discurso faz referência direta ou indireta a um termo anterior.

autoria. Com a crescente autonomia da criança, o adulto passa a ser um ouvinte participante que escuta atentamente, acompanha a narração e faz intervenções para ampliar a narrativa. E por fim, o adulto é o interlocutor que solicita maior elaboração e produções mais complexas. Nesse momento, não haveria mais necessidade de transmitir informações e habilidades, uma vez que a criança já estaria apta a realizar a tarefa por si mesma, isto é, já teria internalizado e transformado os conhecimentos necessários à realização da tarefa.

Valsiner e Benigni ⁶(1986, *apud* MACEDO; SPERB, 2007), explicam que, quando a criança desenvolve uma dada atividade sociocultural, inicia-se uma sequência natural de trocas com o ambiente, que lhe fornecerá um feedback de sua ação. Este feedback já modificado será usado por ela, num próximo momento, para agir sobre o ambiente. Estas atividades sociais citadas acontecem nos momentos em que o adulto integra a criança em suas próprias atividades, permitindo sua participação ativa, ou, simplesmente que ela o ouça e veja, contribuindo, assim, para o desenvolvimento de sua compreensão enquanto aprende observando. Os adultos próximos da criança, portanto, têm um papel específico a desempenhar no que concerne ao desenvolvimento de sua habilidade para narrar.

4.2 SURDO

Definir quem é a pessoa surda vai além de uma simples nomenclatura, pois, mais que nomear a pessoa que não escuta, devemos conhecê-la a partir de suas peculiaridades subjetivas que são atravessadas pela língua e pela experiência visual, que determinarão a autopercepção como tal e então, a inserirão na cultura surda. Como afirma Begrow (2009, p. 17), “ser surdo não significa apenas não ouvir, mas, sobretudo, não utilizar uma modalidade oral auditiva para se comunicar”. Para a autora, trabalhar com a população surda implica em deixar de lado a deficiência e as limitações impostas pela perda auditiva e levar em consideração sua cultura, identidade, língua e educação.

De acordo com Sá (2006), o conceito de surdez, como qualquer outro conceito, sofre mudanças e se modifica no transcurso da história. Segundo a autora, historicamente se sabe que a tradição médico-terapêutica influenciou a definição da surdez a partir do déficit auditivo e da classificação em leve, profunda, congênita, etc., mas deixou de incluir a experiência da surdez e de considerar os contextos psicossociais e culturais nos quais a pessoa surda se desenvolve. Skliar (2005) diz que na visão clínica, os surdos são vistos como deficientes, sendo colocados em desvantagem, se comparados à maioria da população. Alpendre (2008) afirma, no entanto,

⁶Valsiner, J., & Benigni, L. Naturalistic research and ecological thinking in the study of child development. *Developmental Review*, 6, 203-223. 1986.

que um novo paradigma vem sendo construído para entender a surdez como uma diferença cultural e não como uma patologia médica: é a visão sócio antropológica, que discute o conceito de surdez considerando sua identidade cultural e linguística. De acordo com essa visão, Sá (2006) define a pessoa surda como aquela que vivencia um déficit auditivo que a impede de adquirir, de maneira natural, a língua oral/auditiva usada pela comunidade majoritária. Sendo assim, ela constrói sua identidade calcada principalmente nesta diferença, fazendo uso de estratégias cognitivas e de manifestações comportamentais e culturais diferentes da maioria das pessoas que ouvem.

Ao considerar a surdez como uma diferença, Almeida⁷ (2000, *apud* ALPENDRE, 2008) sustenta que não existe uma patologia e nem uma inferioridade do sujeito em relação aos demais. Essa diferença recai sobre a ênfase no desenvolvimento de recursos próprios para interagir com o meio, inclusive pelo uso de uma língua que permita ao surdo expressar-se. Para Gesueli (2006), é necessário ressaltar que a surdez não é homogênea, ou seja, o grupo de surdos não é uniforme visto que existem surdos oralizados que não consideram necessária a oficialização da língua de sinais e, em contrapartida, surdos filhos de pais surdos, usuários da língua brasileira de sinais (Libras), e que não se veem como deficientes auditivos. Pode-se considerar, portanto, a possibilidade de múltiplas identidades surdas que, em estudo bastante aprofundado, Perlin (2005) caracteriza em cinco grupos: Identidade surda, Identidades surdas híbridas, Identidades surdas de transição, Identidade surda incompleta e Identidades surdas flutuantes⁸.

Dentro desta perspectiva, Gesueli (2006) afirma que a discussão sobre identidade surda está vinculada à de cultura surda, a qual se relaciona ao processo de recriação de um espaço cultural visual. Para a autora, na medida em que os surdos legitimam sua língua e sua comunidade, temos como decorrência dessa convivência minoritária o nascimento da cultura surda (arte, humor, teatro, poesia etc.) e a partir disso, a consolidação do ser surdo. Para Begrow (2009), deixar de enxergar os surdos por meio do estereótipo da deficiência, mas sim como uma comunidade ou um povo, permite compreender suas características a partir de suas próprias construções. Sendo assim, a autora coloca a cultura como elemento de transformação pelas diferentes formas de ser, estar e construir o mundo que cerca estes sujeitos.

⁷ ALMEIDA, E.O.C. de. **Leitura e Surdez: um estudo com adultos não oralizados**. Tese de doutorado na Faculdade de Educação da UNICAMP, 2000

⁸ Para maiores detalhes sobre a diferenciação proposta por Perlin, leia PERLIN, G.T.T. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez, um olhar sobre as diferenças**. 3ª edição. Mediação, Porto Alegre, 2005. Pg. 62-66.

- **LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS**

De acordo com Rosa (2005), a Libras é uma língua de modalidade gestual-visual⁹ porque utiliza, como canal ou meio de comunicação, movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela visão para captar movimentos, principalmente das mãos, a fim de transmitir uma mensagem. Assim, ela se diferencia da Língua Portuguesa, que é uma língua de modalidade oral-auditiva por utilizar, como canal ou meio de comunicação, sons articulados que são percebidos pelos ouvidos.

Quadros (1997), Fernandes (2003) e Strobel (2008) concordam que as línguas de sinais são sistemas linguísticos independentes dos sistemas das línguas orais, possuindo gramática própria que as diferencia umas das outras. Por ter uma estrutura diferente da língua portuguesa, Fernandes (2003) conclui que a língua de sinais brasileira deve ser encarada como uma língua natural, pois tem sua origem equivalente a qualquer língua natural conhecida. Quadros (1997) complementa afirmando que as LS são línguas naturais¹⁰ que se desenvolvem no meio em que vive a comunidade surda e que tais línguas são naturais internamente e externamente, pois refletem a capacidade psicobiológica humana para a linguagem e porque surgiram da mesma forma que as línguas orais: da necessidade específica e natural dos seres humanos de usarem um sistema linguístico para expressarem ideias, sentimentos e ações.

A língua de sinais, de acordo com Fernandes (2003) e Rosa (2005), não é uma língua universal, pois adquire características diferentes em cada país e, até mesmo, dentro das diversas comunidades de surdos de um mesmo país. Rosa (2005) afirma que embora diferentes, todas são estruturadas a partir de unidades mínimas que formam unidades mais complexas e todas possuem os seguintes níveis linguísticos: o fonológico, o morfológico, o sintático, o semântico e o pragmático. Strobel (2008) complementa afirmando que “no mundo todo, há, pelo menos, uma língua de sinais com suas variações regionais usada amplamente na comunidade surda de cada país, diferente daquela da língua falada utilizada na mesma área geográfica” (pág. 46). Quadros, Pizzio e Rezende (2009) destacam a importância dos estudos de Stokoe sobre a Língua de Sinais, visto que este autor foi o primeiro linguista a apresentar, na década de 60, uma análise descritiva dos níveis fonológico e morfológico da língua de sinais americana, o que

⁹ Expressão utilizada pela autora, contudo encontra-se também definida a Língua de Sinais como espaço-visual (Quadros, 1997).

¹⁰ Mesmo que de forma contraditória ao apresentado por Quadros (1997) apresentamos também o conceito dado por Skliar (2005, p.27), língua natural “não se refere a uma certa espontaneidade biológica, mas sim a uma língua que foi criada e é utilizada por uma comunidade específica de usuários, que se transmite de geração em geração, e que muda – tanto estrutural como funcionalmente – com o passar do tempo”.

revolucionou a linguística na época, pois até então, todos os estudos linguísticos concentravam-se nas análises de línguas faladas. Foi a partir daí que as línguas de sinais passaram a serem vistas como línguas de fato.

A questão da língua de sinais, de acordo com Gesueli (2006), está intimamente relacionada à cultura surda. Esta cultura, por sua vez, remete à identidade do sujeito que convive, quase sempre, com as duas comunidades (surda e ouvinte). Brasil (2004a) destaca a importância da identificação cultural na vida da pessoa surda:

É por meio da cultura que uma comunidade se constitui, integra e identifica as pessoas e lhes dá o carimbo de pertinência, de identidade. Nesse sentido, a existência de uma Cultura Surda ajuda a construir uma identidade das pessoas surdas. Por esse motivo, falar em Cultura Surda significa também evocar uma questão identitária. Um surdo estará mais ou menos próximo da cultura surda a depender da identidade que assume dentro da sociedade. [...] A preferência dos surdos em se relacionar com seus semelhantes fortalece sua identidade e lhes traz segurança. É no contato com seus pares que se identificam com outros surdos e encontram relatos de problemas e histórias semelhantes às suas: uma dificuldade em casa, na escola, normalmente atrelada à problemática da comunicação. É principalmente entre esses surdos que buscam uma identidade surda no encontro surdo-surdo que se verifica o surgimento da Comunidade Surda (págs. 40-41).

Para Strobel (2008), Cultura Surda é como o sujeito surdo entende e modifica o mundo, tornando-o acessível e habitável e ajustando-o com as suas percepções visuais, visto que estas contribuem para a definição das identidades e comunidades surdas. Isto significa que esta cultura abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo. Sendo assim, a autora considera a língua de sinais um aspecto fundamental da cultura surda visto que é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, sendo uma forma de comunicação que capta as experiências visuais destes sujeitos, levando-os a transmitir e adquirir o conhecimento. A autora afirma ainda que “para o sujeito surdo ter acesso às informações e conhecimentos e para construir sua identidade é fundamental criar uma ligação com o povo surdo em que se usa a língua em comum: A língua de sinais” (Pág.44).

A Lei Federal nº 10.436, de 24 de abril de 2002, reconhece a Língua Brasileira de Sinais como língua da comunidade surda brasileira, com implicações para sua divulgação e ensino, para o acesso bilíngue à informação em ambientes institucionais e para a capacitação dos profissionais que trabalham com os surdos (BRASIL, 2002). Esta lei é regulamentada pelo decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, para o qual se considera como pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras (BRASIL, 2005).

- **AQUISIÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM PARA CRIANÇA SURDA**

Para Vygotsky (1984, 1987), a partir da fala do adulto (e da comunidade em geral) a criança começa a desenvolver sua própria fala. Sendo assim, a interação e as relações que a criança estabelece com o outro tem papel fundamental no desenvolvimento de sua linguagem. Inicialmente, a criança passa pela fase de imitação do outro e, gradualmente, começa a se expressar sozinha, mais autonomamente.

De acordo com Quadros (1997), o processo de aquisição das línguas de sinais é análogo ao processo de aquisição das línguas faladas, sendo assim, as crianças surdas, filhas de pais surdos, têm acesso à Libras porque usam a mesma língua de seus pais. Além disso, a Libras não é somente usada com a criança, os pais usam-na para se comunicarem entre eles e com outras pessoas, por isso, nesses casos, o desenvolvimento da linguagem ocorre de forma natural.

A autora acima cita o estudo de Petitto e Marantette¹¹ (1991), no qual foi verificado que o balbucio é um fenômeno que ocorre em todos os bebês, surdos ou ouvintes, como fruto da capacidade inata para a linguagem e esta capacidade se manifesta não só através de sons, mas também através de sinais. “Nos bebês surdos, foram detectadas duas formas de balbucio manual: o balbucio silábico e a gesticulação. O balbucio silábico apresenta combinações que fazem parte do sistema fonético das línguas de sinais. Ao contrário, a gesticulação não apresenta organização interna” (Pág.70). De acordo com a autora, os bebês surdos e os bebês ouvintes apresentam os dois tipos de balbucio até um determinado estágio, ou seja, as crianças surdas balbuciam oralmente até um determinado período, porém as vocalizações são interrompidas nos bebês surdos assim como as produções manuais são interrompidas nos bebês ouvintes, pois o *input* favorece o desenvolvimento de um dos modos de balbuciar. Petitto e Marantette (1991) também são citadas por Quadros e Cruz (2011):

O fato de as autoras identificarem a sistematização das duas formas de balbuciar sugere haver algo que sustenta a aquisição da linguagem independentemente da modalidade da língua: oral-auditiva ou visuoespacial. Ou seja, parece haver uma capacidade para a linguagem que faz parte dos seres humanos. Interessante destacar que as crianças ouvintes, filhas de pais surdos, apresentam e desenvolvem os dois tipos de balbucio até chegarem à produção das línguas. Usualmente, essas crianças, por terem *input* nas duas línguas, com seus pais surdos na língua de sinais e com seus parentes e amigos ouvintes na língua portuguesa, crescem bilíngues (Págs. 18-19).

Quadros (1997) afirma, que o estágio de um sinal inicia por volta dos 12 meses da criança surda e percorre um período até por volta dos dois anos, quando surgem as primeiras

¹¹ PETITTO, L.A. e MARENTETTE, P.F. 1991. Babbling in the manual mode: Evidence for the ontogeny of language. *Science*, 251:1493-6.

combinações de sinais. Em torno dos dois anos e meio a três anos, as crianças surdas apresentam a chamada explosão do vocabulário, quando se inicia o estágio das múltiplas combinações e as crianças começam a usar formas idiossincráticas para diferenciar nomes e verbos. O domínio completo dos recursos morfológicos da língua é adquirido por volta dos cinco anos.

5 METODOLOGIA

Este trabalho será de cunho qualitativo realizado através de um estudo de caso múltiplo. Os sujeitos participantes da investigação são crianças surdas atendidas na Clínica Escola do Curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal da Bahia. Desta forma, a amostra será composta por duas crianças atendidas no serviço, selecionadas a partir dos critérios:

- Criança surda;
- Estudar em escola de surdos;
- Ter entre 5 e 12 anos de idade.

Após a seleção das crianças, sujeitos nessa investigação, se procederá a coleta de dados. Inicialmente se fará a análise dos prontuários de cada uma das crianças selecionadas, baseando-se em uma ficha de caracterização individual (APÊNDICE D), a fim de conhecer os casos a serem estudados, levando-se em consideração fatores como o uso de Língua de Sinais pelos familiares e a escola em que a criança estuda. A coleta será realizada após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa e mediante a assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A) e do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE C). Além destes será apresentado aos responsáveis um segundo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B), para que estes possam participar de uma entrevista (APÊNDICE E) a fim de se obter maiores informações acerca da presença da Língua de Sinais e das práticas narrativas no cotidiano das crianças participantes.

Em seguida, serão realizados dois (02) encontros com cada criança selecionada, nos quais serão oferecidos estímulos que eliciem a narrativa, por meio de histórias contidas em filme ou livro. As crianças serão, então, solicitadas a recontar a história que lhes foi apresentada em Língua de Sinais, sendo possível observar o desenvolvimento da narrativa destas crianças e verificar o estágio de desenvolvimento de linguagem. Estes momentos serão filmados e, posteriormente, transcritos para a Língua Portuguesa, para que possam ser devidamente analisados e a ação com a criança ser minuciosamente interpretada. Para a transcrição será utilizado o “Sistema de notação em palavras”. (FELIPE, 2007). Cada encontro com as crianças será realizado por pessoa fluente em Libras, com o objetivo de promover melhor interação entre o sujeito e interlocutor.

A análise dos dados será feita de forma interpretativa, descrevendo-se os achados nos vídeos de cada atendimento e os confrontando com a literatura. As narrativas em Libras serão analisadas considerando-se a reprodução dos acontecimentos relatados e a sequência temporal desses acontecimentos para avaliar a compreensão e expressão da história pelas crianças. A qualidade da narrativa em Libras será também avaliada por meio da análise do uso de classificadores, do plano discursivo, da ampliação da história segundo experiências anteriores e de marcas discursivas verbais e não verbais. Todos os gestos, expressões, movimentos de corpo e hesitações serão respeitados.

6 ASPECTOS ÉTICOS

O presente projeto será encaminhado para análise e aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa e não apresenta nenhum risco de dano físico ou psicológico para o sujeito participante, seguindo as normas estabelecidas pela resolução CNS 466/2012. Aos responsáveis por todos os participantes será apresentado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) antes do início das atividades autorizando a utilização dos dados para pesquisa, respeitando-se os preceitos éticos de confidencialidade. Aos menores que participarão da pesquisa será apresentado o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.

7 CRONOGRAMA¹²

Semestre	2016				2017				
	2016.1		2016.2		2016.2				
	S	O	N	D	J	F	M	A	M
Submissão ao comitê de ética	X	X	X	X					
Revisão Bibliográfica	X	X	X	X	X	X	X		
Coleta de Dados					X	X			
Análise de dados					X	X	X		
Elaboração do trabalho						X	X		
Defesa do TCC								X	
Submissão à revista									X

¹² Os períodos foram divididos a partir dos semestres acadêmicos da Universidade Federal da Bahia

8 ORÇAMENTO

Todos os custos deste projeto serão arcados pelo pesquisador.

Descrição	Quant.	Custo Unitário (R\$)	Custo Total (R\$)	Fornecedor
Caderno	1	15,00	15,00	Recurso próprio
Caneta	2	1,00	2,00	Recurso próprio
Papel A4	1 resma	15,00	15,00	Recurso próprio
Cartucho p/b	1	60,00	60,00	Recurso próprio
Encadernação	1	3,00	3,00	Recurso próprio
Transporte	8	3,30	26,40	Recurso próprio
Total:		97,30	121,40	

REFERÊNCIAS

- ALPENDRE, E. V. Concepções sobre a surdez e linguagem e o aprendizado de Leitura. Curitiba, 2008.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BEGROW, Desirée De Vit. A aprendizagem da língua portuguesa como segunda língua para surdos: contribuições de estratégias metalinguísticas em língua de sinais. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Ensino de língua portuguesa para surdos – Caminhos para a Prática Pedagógica**. Brasília; 2004a. v. 1.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Ensino de língua portuguesa para surdos – Caminhos para a Prática Pedagógica**. Brasília; 2004b. v. 2.
- BRASIL. Lei 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 25 de abril de 2002. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm >
- BRASIL . Decreto n. 5626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n. 10436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei 10098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 de dez. de 2005. p. 28. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>
- CARVALHO, C.A.F. **A narrativa em crianças surdas: papel da Língua gestual portuguesa**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação – Educação Especial). Escola Superior de Educação Almeida Garrett. Lisboa, 2013.
- FELIPE, T.A. **Libras em contexto: curso básico**. Livro do Estudante. 8ª edição – Rio de Janeiro: WalPrint Gráfica e Editora, 2007.
- FERNANDES, Eulália. **Linguagem e Surdez**. Porto Alegre. Artmed. 2003.
- GESUELI, Z. M. A intertextualidade na elaboração narrativa em língua de sinais. In: LACERDA, C. B. F.; GÓES, M. C. R. (Org.). **Surdez processos educativos e subjetividade**. São Paulo: Lovise, 2000.
- GESUELI, Z. M. Língua(gem) e identidade: a surdez em questão. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 27, n. 94, pp. 277-292, jan./abr. 2006.
- GOLDFELD, M. **A criança surda – Linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 2ª ed. São Paulo. Plexus, 2002, pp. 27-31.
- HACHIMINE, A.H.F; DIAS, T.R. da S. Histórias infantis contadas em Libras por crianças surdas. **CAMINE: Caminhos da Educação**. Franca, v. 4, n.1, ago.2012. Disponível em: <<http://periodicos.franca.unesp.br/index.php/caminhos/article/view/486>>. Acesso em: 27 fev. 2016.
- LACERDA, CBF de; LODI, AC. O desenvolvimento do narrar em crianças surdas: o contexto de grupo e a importância da língua de sinais. **Temas sobre Desenvolvimento**, v. 15, n.85-56, pp. 45-53, 2006.

- MACEDO, L.; SPERB, TM. O desenvolvimento da habilidade da criança para narrar experiências pessoais: uma revisão da literatura. **Estudos de Psicologia**, vol.12, n.3, pp. 233-241, 2007.
- MIRANDA, SL. Adulto e criança construindo histórias conjuntamente: formas de assistência. **Revista Symposium**, 4, número especial, pp.50-59, nov.2000.
- NEVES, B.C. **Narrativas de crianças bilíngues bimodais**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC. 2012.
- PERLIN, G.T.T. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez, um olhar sobre as diferenças**. 3ª edição. Mediação, Porto Alegre, 2005, pp. 51-73.
- PERRONI, M.C. **Desenvolvimento do discurso narrativo**. (Tese de doutorado em Ciências). Universidade Estadual de Campina. Campinas, 1983.
- PERRONI, M. C. **Desenvolvimento do discurso narrativo**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- PINNA, D.M.S. **Animadas Personagens Brasileiras - A linguagem visual das personagens do cinema de animação contemporâneo brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Artes e Design). PUC, Rio de Janeiro, 2006.
- QUADROS, R. M. de. **Educação de Surdos – a Aquisição da Linguagem**. Porto Alegre. Artmed, 1997.
- QUADROS, R. M. de; PIZZIO, A. L; REZENDE, P. L. F. **Língua Brasileira de Sinais I**. Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Florianópolis, 2009.
- QUADROS, R.M. de; CRUZ, C.R. **Língua de Sinais: Instrumentos de Avaliação**. Porto Alegre. Artmed, 2011.
- ROSA, A.S. **Entre a Visibilidade da Tradução da Língua de Sinais e a Invisibilidade da Tarefa do Intérprete**. Rio de Janeiro. Arara Azul. 2005, pp. 18-45.
- ROSA, C.F.G. **A estrutura da narrativa na escrita de alunos surdos**. Escola Superior de Educação de Lisboa. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação. Especialização em Educação Especial). Lisboa, 2009.
- SÁ, N.L. de. **Cultura, poder e educação de surdos**. São Paulo: Paulinas, 2006
- SKLIAR, C. Os Estudos Surdos em Educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez, um olhar sobre as diferenças**. 3ª edição. Mediação, Porto Alegre, 2005, pp. 7-32.
- STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.
- VIEIRA, A.G; SPERB, T.M. O brincar simbólico e a organização narrativa da experiência de vida na criança. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. 2007. Vol. 20, n.1, pp. 9-19. Disponível em: <<http://www.scielo.br/prc/v20n1/a03v20n1.pdf>> Acesso em: 19 nov. 2015.
- VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo. Martins Fontes. 1984.
- VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo. Martins Fontes. 1987.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Para a participação da criança na pesquisa.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE FONOAUDIOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(No caso de Responsável pelo menor)

O(a) menor _____, sob sua responsabilidade, está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “**O Desenvolvimento da Narrativa na Criança Surda**”. Nesta pesquisa pretendemos compreender como a criança surda utiliza a Língua de Sinais para contar histórias. O motivo que nos leva a estudar este assunto é buscar um maior aprofundamento nesta área, visto que a mesma ainda é pouco explorada. Desse modo, este estudo poderá contribuir para que os processos de desenvolvimento da linguagem e da narrativa dessas crianças sejam melhor estudados e discutidos. Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: 1) Realização de uma consulta ao prontuário da criança no serviço para que a pesquisadora possa obter informações importantes como o uso da Língua de Sinais pelos familiares e a escola em que a criança estuda, o tipo e o grau da surdez, entre outras. Os dados obtidos através da consulta ao prontuário serão utilizados somente para fins acadêmicos, não sendo divulgados pela pesquisadora em nenhum outro meio que não seja o resultado final da pesquisa. 2) Após a análise do prontuário, a criança será acompanhada durante dois (02) encontros no Centro Docente-Assistencial em Fonoaudiologia – CEDAF, nos quais lhe será apresentada uma história através de filme ou livro. Após isso, ela será solicitada a recontar a história que lhe foi apresentada, em Língua de Sinais, sendo possível observar o desenvolvimento de suas habilidades para contar histórias, verificando o desenvolvimento de sua linguagem. **Estes encontros serão filmados** para que depois os acontecimentos possam ser analisados e interpretados cuidadosamente e de forma detalhada.

A pesquisa ocorrerá de forma controlada, buscando minimizar quaisquer danos ou riscos à criança, e caso estes ocorram a pesquisadora responsável e a colaboradora assumem a responsabilidade de oferecer atendimento evitando situações difíceis decorrentes desta investigação. É possível que durante a pesquisa a criança venha a se sentir cansada. Caso

Assinatura do participante: _____

Assinatura do pesquisador: _____

01/04

_____ de _____ de 2017.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
 INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
 DEPARTAMENTO DE FONOAUDIOLOGIA

isso ocorra, a pesquisadora interromperá o procedimento, oferecendo à criança tempo e atenção necessários.

Esclarecemos que qualquer informação decorrente desse instrumento será utilizado unicamente para fins desta pesquisa e ficará em posse restrita dos pesquisadores e, após a finalização desta, os dados serão destruídos. Ainda, em virtude de qualquer publicação dos resultados o nome da criança ou qualquer outra informação que a identifique não aparecerá e no lugar de seu nome será usado um nome fictício.

A participação da criança será realizada no mesmo momento do atendimento já existente e não haverá nenhum tipo de gasto extra de sua parte, quer seja com transporte ou alimentação. Caso isso ocorra a criança receberá indenização feita pelas pesquisadoras. Para participar deste estudo a criança não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso seja identificado danos gerados por esta pesquisa o Menor tem assegurado o direito à indenização.

A criança será esclarecida sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. O(a) responsável pelo Menor poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação do Menor a qualquer momento. A participação dele(a) é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Caso o Senhor(a) tenha alguma dúvida ou necessite de qualquer esclarecimento ou ainda deseje retirar o consentimento de participação do Menor sob sua responsabilidade da pesquisa, por favor, entre em contato com os pesquisadores abaixo a qualquer tempo.

Pesquisador responsável – Desirée De Vit Begrow. Avenida Reitor Miguel Calmon, s/nº - Instituto de Ciências da Saúde - 1º andar Vale do Canela. (71) 9966-6671.

Pesquisador Colaborador – Bianca Bogarin Barreto. Alameda Monte Carmelo, n.29– Brotas. (71) 98873-4870.

Também em caso de dúvida, o(a) senhor(a) poderá entrar em contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal da**

Assinatura do participante: _____

Assinatura do pesquisador: _____

02/04

_____ de _____ de 2017.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
 INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
 DEPARTAMENTO DE FONOAUDIOLOGIA

Bahia (CEP/ICS/UFBA). O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um Colegiado independente, que deve existir nas instituições que realizam pesquisa envolvendo seres humanos no Brasil, criado para defender os interesses dos sujeitos da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos (Resolução nº 466/12 Conselho Nacional de Saúde). O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. Este Comitê assegura a preservação da dignidade humana, dos direitos dos participantes voluntários das pesquisas e do seu bem-estar.

O Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Bahia (CEP/ICS/UFBA) está localizado na Avenida Reitor Miguel Calmon, s/n, - Instituto de Ciências da Saúde – 4º andar, Vale do Canela.

Horário de funcionamento: Segunda das 13:30h às 19:30h e de terça à sexta das 7:00h às 13:00h.

Telefone: (71) 3283-8951. **E-mail:** cepics@ufba.br

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. O nome do Menor sob sua responsabilidade ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O Menor sob sua responsabilidade não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida ao(à) senhor(a). Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a identidade do Menor sob sua responsabilidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, portador do documento de identidade _____, responsável pelo Menor _____, fui informado(a) dos objetivos da pesquisa “O Desenvolvimento da Narrativa na Criança Surda”, de maneira

Assinatura do participante: _____

03/04

Assinatura do pesquisador: _____

_____ de _____ de 2017.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
 INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
 DEPARTAMENTO DE FONOAUDIOLOGIA

clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de consentimento de participação do Menor sob minha responsabilidade, se assim o desejar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Salvador, _____ de _____ de 2017.

Nome completo (participante)

Data

Desirée De Vit Begrow

Data

Nome completo (testemunha)

Data

Em caso de desistência do Menor sob minha responsabilidade em permanecer na pesquisa, autorizo que os seus dados já coletados referentes a resultados de exames, questionários respondidos e similares ainda sejam utilizados na pesquisa, com os mesmos propósitos já apresentados neste TCLE.

Nome completo (participante)

Data

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Para a participação do responsável na entrevista.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE FONOAUDIOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(a) Sr.(a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa **“O desenvolvimento da narrativa na criança surda”**. Nesta pesquisa pretendemos compreender como a criança surda utiliza a Língua de Sinais para contar histórias. O motivo que nos leva a estudar este assunto é buscar um maior aprofundamento nesta área, visto que a mesma ainda é pouco explorada. Sua participação consistirá em conceder uma entrevista com o objetivo de obtermos maiores informações sobre como a criança pelo(a) qual o(a) senhor(a) é responsável utiliza a Língua de Sinais no seu dia-dia e se ela tem experiências com histórias contadas pelo adulto em língua de sinais.

A entrevista ocorrerá de forma controlada, buscando minimizar quaisquer danos ou riscos, e caso estes ocorram a pesquisadora responsável e a colaboradora assumem a responsabilidade de oferecer atendimento evitando situações difíceis decorrentes desta investigação. É possível que a entrevista cause certo constrangimento por leva-lo(a) a recordar momentos que podem trazer desconforto, ou que o(a) senhor(a) venha a se sentir cansado(a) durante a realização da mesma. Para ambas as situações, a pesquisadora interromperá a entrevista oferecendo ao(à) senhor(a) tempo e atenção necessárias.

Esclarecemos que qualquer informação decorrente desse instrumento será utilizado unicamente para fins desta pesquisa e ficará em posse restrita dos pesquisadores e, após a finalização desta, os dados serão destruídos. Ainda, em virtude de qualquer publicação dos resultados seu nome ou qualquer outra informação que o identifique não aparecerá. Esclarecemos que esta entrevista não será gravada em áudio ou vídeo e no lugar de seu nome ou do nome de seu filho, será usado um nome fictício.

A sua participação será realizada no mesmo momento do atendimento já existente e não haverá nenhum tipo de gasto extra de sua parte, quer seja com transporte ou alimentação. Caso isso ocorra o(a) senhor(a) receberá indenização feita pelas pesquisadoras. Para participar deste estudo o(a) senhor(a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer

Assinatura do participante: _____

Assinatura do pesquisador: _____

01/04

_____ de _____ de 2017.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
 INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
 DEPARTAMENTO DE FONOAUDIOLOGIA

vantagem financeira. Apesar disso, caso seja identificado danos gerados por esta pesquisa, o(a) senhor(a) tem assegurado o direito a indenização.

O Sr.(a) terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Caso o(a) Sr.(a) tenha alguma dúvida ou necessite de qualquer esclarecimento ou ainda deseje retirar-se da pesquisa, por favor, entre em contato com os pesquisadores abaixo a qualquer tempo.

Pesquisador responsável – Desirée De Vit Begrow. Avenida Reitor Miguel Calmon, s/nº - Instituto de Ciências da Saúde - 1º andar Vale do Canela. (71) 9966-6671.

Pesquisador Colaborador – Bianca Bogarin Barreto. Alameda Monte Carmelo, n.29 – Brotas. (71) 98873-4870.

Também em caso de dúvida, o(a) senhor(a) poderá entrar em contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Bahia (CEP/ICS/UFBA)**. O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um Colegiado independente, que deve existir nas instituições que realizam pesquisa envolvendo seres humanos no Brasil, criado para defender os interesses dos sujeitos da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos (Resolução nº 466/12 Conselho Nacional de Saúde). O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. Este Comitê assegura a preservação da dignidade humana, dos direitos dos participantes voluntários das pesquisas e do seu bem-estar.

O **Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Bahia (CEP/ICS/UFBA)** está localizado na Avenida Reitor Miguel Calmon, s/n, - Instituto de Ciências da Saúde – 4º andar, Vale do Canela.

Assinatura do participante: _____

02/04

Assinatura do pesquisador: _____

_____ de _____ de 2017.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
 INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
 DEPARTAMENTO DE FONOAUDIOLOGIA

Horário de funcionamento: Segunda das 13:30h às 19:30h e de terça à sexta das 7:00h às 13:00h.

Telefone: (71) 3283-8951. **E-mail:** cepics@ufba.br

Os resultados desta pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O(a) Sr.(a) não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida ao(à) Sr.(a). Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de cinco (5) anos, e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, portador do documento de identidade _____, fui informado(a) dos objetivos da pesquisa **“O Desenvolvimento da Narrativa na Criança Surda”**, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas.

Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Salvador, ____ de _____ de 2017.

 Nome completo (participante)

 Data

 Desirée De Vit Begrow

 Data

 Nome completo (testemunha)

 Data



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE FONOAUDIOLOGIA

Em caso de minha desistência em permanecer na pesquisa, autorizo que os meus dados já coletados referentes a resultados de exames, questionários respondidos e similares ainda sejam utilizados na pesquisa, com os mesmos propósitos já apresentados neste TCLE.

Nome completo (participante)

Data

APÊNDICE C – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE FONOAUDIOLOGIA

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu estou fazendo uma pesquisa e gostaria de convidar você para participar. O nome da pesquisa é **“O Desenvolvimento da Narrativa na Criança Surda”**.

Nesta pesquisa o nosso objetivo é entender como crianças que se comunicam através de Língua de Sinais contam histórias. Por isso sua participação é muito importante para nos ajudar a estudar melhor esse tema.

Você não sofrerá nenhum tipo de problema ao participar da pesquisa e nem receberá nada em troca de sua participação.

Para que a pesquisa seja realizada, duas pesquisadoras encontrarão com você duas vezes para contar uma história em Libras. Essa história é simples. Depois você terá que contar a elas a mesma história, mas você pode parar de contar se ficar cansado ou não entender o que deve fazer. As pesquisadoras podem aguardar o tempo que você precisar para se organizar e contar a história com calma e sem pressa. Esses encontros serão filmados para que possam ser analisados em outro momento e ver você contando a história.

Seu nome não aparecerá em nenhum momento e ninguém além das duas pesquisadoras assistirá as gravações que forem realizadas.

Você é livre para aceitar ou recusar participar da pesquisa e se aceitar e depois mudar de opinião poderá desistir a qualquer momento sem nenhum problema.

Caso você não tenha entendido alguma explicação ou não queira mais participar desta pesquisa, por favor fale com as pesquisadoras abaixo.

Pesquisador responsável: Desirée De Vit Begrow. Avenida Reitor Miguel Calmon, s/nº - Instituto de Ciências da Saúde - 1º andar Vale do Canela. (71) 99966-6671.

Pesquisador Colaborador – Bianca Bogarin Barreto. Alameda Monte Carmelo, n.29 – Brotas. (71) 3276-0028 / (71) 988734870.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE FONOAUDIOLOGIA

Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____ **(se já tiver documento)**, fui informado(a) dos objetivos deste trabalho, de maneira clara e detalhada e não tenho dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei pedir novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se achar melhor para mim. Tendo a autorização em participar do(a) meu(minha) responsável já assinada, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi uma cópia deste documento assinado.

Salvador, _____ de _____ de 2017.

Assinatura do(a) menor

Assinatura do Pesquisador Responsável

APÊNDICE D – Ficha de Caracterização



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE FONOAUDIOLOGIA

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: _____

Data de Nascimento: ____/____/____ **Idade:** _____ **Sexo:** () M () F

A criança tem parentes surdos? () Sim () Não

- () Pai () Mãe () Irmãos () Tios () Outros _____

Existem perturbações associadas à surdez? () Sim () Não

- () Neurológicas () Visuais () Motoras () Outras _____

Faz uso de aparelho auditivo/implante coclear? () Sim () Não

- Tipo do aparelho: _____

2. CARATERIZAÇÃO DA SURDEZ

Grau de Surdez: () Leve () Moderada () Severa () Profunda

Tipo de Surdez: () Condutiva () Mista () Neurosensorial

Causa da Surdez: () Desconhecida () Genética

- **Causas Pré-Natais:**

() Rubéola () Outras Víruses () Sífilis () Diabetes () Incompatibilidade Sanguínea

() Icterícia neo-natal () Medicamentos () Ameaças de Aborto

- **Causas Pós-Natais:**

() Sarampo () Papeira () Meningite () Encefalite () Otites de Repetição

() Traumatismo Sonoro () Medicamentos () Acidente

3. DIAGNÓSTICO DA SURDEZ

Quando foi realizado o diagnóstico audiológico? ____/____/____

Idade em que foi feito o diagnóstico: _____

Idade em que foi feito o primeiro estudo audiológico: _____

4. HISTÓRICO E CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO ESCOLAR:

Escola em que estuda: _____

Série: _____ Sempre estudou em escola de surdos? () Sim () Não

Quando iniciou na escola de surdos: _____

5. CONTATO COM A LÍNGUA DE SINAIS:

Quando iniciou contato com a língua de sinais?

() Ainda bebê () Antes dos 5 anos () Depois dos 5 anos

Uso de LS pelos pais: () Sim () Não

Uso de LS pelos familiares: () Sim () Não

Tem convívio com outras pessoas surdas? () Sim () Não

Tipo de comunicação com pessoas ouvintes próximas (vizinhos, amigos fora da escola, etc.)?

Observações:

APÊNDICE E - Entrevista

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
 INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
 DEPARTAMENTO DE FONOAUDIOLOGIA

ENTREVISTA**IDENTIFICAÇÃO:**

Nome: _____

Idade: _____ Estado civil: _____

Mãe do menor: _____

Quantos filhos tem? _____

Grau de instrução: _____

Atuação profissional: _____

QUESTÕES:

1. Como você vê a surdez?
2. Quando você descobriu a perda auditiva de seu filho?
3. Ele já fez outros atendimentos fonoaudiológicos? Por quanto tempo? Qual natureza? Quais foram os resultados?
4. Com quantos anos a criança começou a ter contato com a Língua de sinais?
5. A família possui o hábito de interagir com a criança por meio da Língua de Sinais?
6. Quem da família usa Língua de Sinais com a criança?
7. Participa de outras atividades além da escola? Se sim, como ocorre a comunicação?
8. O que ele(a) costuma fazer nos momentos livres?

9. Costuma assistir tv? Se sim, quais os tipos de programas que costuma assistir? São apresentados em Língua de Sinais? Ele(a) faz perguntas sobre os programas que assiste na TV?
10. Tem acesso a materiais educativos ou de entretenimento disponibilizados em Língua de Sinais na internet ou por meio de programas de computador, como jogos e vídeos, por exemplo? Alguém da família brinca com ele?
11. A criança possui o hábito da leitura?
12. Existe em casa o hábito de contar histórias para a criança?
13. Ela tem o costume de relatar fatos que aconteceram com ela ou que achou interessante durante o dia? Os pais têm o hábito de perguntar a respeito?
14. A criança é envolvida nos diálogos familiares? Se sim, como ela se comporta? Interage bem ou permanece mais quieta? E nos eventos familiares maiores?
15. Ao contar uma história ou um fato que ocorreu como se dá seu desempenho? Costuma se atrapalhar ou é bem compreendida?

ANEXOS

ANEXO A – Carta de Encaminhamento

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE FONOAUDIOLOGIA

Ilmo(a). Dr(a) Ana Paula Corona
Coordenador(a) do Comitê de Ética
Salvador, 23 de agosto de 2016.

Carta de Encaminhamento

Venho por meio desta, encaminhar o projeto de pesquisa intitulado: **“O desenvolvimento da narrativa na criança surda”**, sob minha responsabilidade, para apreciação do CEP/ICS. Trata-se de projeto de Trabalho de Conclusão de Curso. Sendo só para o momento, despeço-me cordialmente.

Desirée De Vit Begrow

ANEXO B – Carta de Anuência



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE FONOAUDIOLOGIA
CENTRO DOCENTE ASSISTENCIAL EM FONOAUDIOLOGIA

Carta de Anuência**DECLARAÇÃO**

Eu, Marília Carvalho Sampaio, na qualidade de responsável pelo Centro Docente Assistencial de Fonoaudiologia (CEDAF) da Universidade Federal da Bahia, autorizo a realização da pesquisa intitulada "O desenvolvimento da narrativa na criança surda" a ser conduzida sob a responsabilidade da professora pesquisadora Desirée De Vit Begrow e da sua orientanda aluna Bianca Bogarin Barreto e DECLARO que esta instituição apresenta infraestrutura necessária à realização da referida pesquisa. Esta declaração é válida apenas no caso de haver parecer favorável do Comitê de Ética do Instituto de Ciências da Saúde para a referida pesquisa. Deve-se ressaltar que a coleta de dados será feita por meio de consulta aos prontuários da clínica e pela avaliação de duas crianças já atendidas no local, sob a supervisão de um professor ou técnico, nos horários de funcionamento da clínica, o que não interferirá na rotina de funcionamento do CEDAF.

Salvador, 31 de agosto de 2016.

ASSINATURA _____

Assinatura manuscrita em tinta preta sobre uma linha horizontal.

ANEXO C – Equipe Detalhada e Funções de Cada Membro do Projeto

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE FONOAUDIOLOGIA

Salvador, 23 de agosto de 2016.

EQUIPE DETALHADA E FUNÇÕES DE CADA MEMBRO DO PROJETO

Título do Projeto: O desenvolvimento da narrativa na criança surda

Assunto: Descrição de cada membro do Projeto

Pesquisador Principal/Orientador:

Desirée De Vit Begrow

Co-pesquisador:

Bianca Rogéria Barreto

ANEXO D – Termo de Responsabilidade e Compromisso do Pesquisador e Responsável

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE FONOLOGIA

**TERMO DE RESPONSABILIDADE E COMPROMISSO DO
PESQUISADOR E RESPONSÁVEL**

Eu, Desirée De Vit Begrow, pesquisadora responsável pelo projeto “O desenvolvimento da narrativa na criança surda”, declaro estar ciente e que cumprirei os termos da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde e declaro: (a) assumir o compromisso de zelar pela privacidade e sigilo das informações; (b) tornar os resultados desta pesquisa públicos sejam eles favoráveis ou não; e, (c) comunicar o CEP sobre qualquer alteração no projeto de pesquisa, nos relatórios anuais ou através de comunicação protocolada, que me forem solicitadas.

Salvador, 23 de agosto de 2016.

Desirée De Vit Begrow

ANEXO E – Declaração de Confidencialidade do Sujeito no Estudo



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE FONOLOGIA

Declaração de Confidencialidade do Sujeito no Estudo

Asseguramos que os sujeitos de pesquisa incluídos no protocolo “**O desenvolvimento da narrativa na criança surda**” terão a sua confidencialidade resguardada pela equipe envolvida na condução do projeto de pesquisa e que **em nenhum momento a identidade do paciente será revelada**, conforme disposto na Resolução 466/12 que substitui a 196/96, item IV.1.g do Conselho Nacional de Saúde e demais normas legislativas vigentes.

Atenciosamente,

Salvador, 23 de agosto de 2016.

Desirée De Vit Begrow

ANEXO F – Termo de Compromisso para Utilização de Dados em Prontuários de Pacientes e de Bases de Dados em Projetos de Pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE FONOAUDIOLOGIA

Termo de Compromisso para Utilização de Dados em Prontuários de Pacientes e de Bases de Dados em Projetos de Pesquisa


O desenvolvimento da narrativa na criança surda:

Os pesquisadores do presente projeto comprometem-se a manter sigilo dos dados coletados em prontuários e bases de dados, referentes à pacientes atendidos no Centro Docente Assistencial de Fonoaudiologia – CEDAF e a usar tais informações, única e exclusivamente para fins científicos, preservando, integralmente, o anonimato dos pacientes, cientes: 1. dos itens III.3i e III.3j, das Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (Resolução 466/12, do CNS – Conselho Nacional de Saúde, que substitui a 196/96 do Conselho Nacional de Saúde), os quais dizem, respectivamente – “prever procedimentos que assegurem a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem, a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou econômico-financeiro”, e “utilizar o material biológico e os dados obtidos na pesquisa exclusivamente para a finalidade prevista no seu protocolo”, bem como 2. da Diretriz 12, das Diretrizes Éticas Internacionais para Pesquisas Biomédicas Envolvendo Seres Humanos - (CIOMS/93), que afirma - “O pesquisador deve estabelecer salvaguardas seguras para a confidencialidade dos dados de pesquisa. Os indivíduos participantes devem ser informados dos limites da habilidade do pesquisador em salvaguardar a confidencialidade e das possíveis consequências da quebra de confidencialidade”.

Salvador/ 23 de agosto de 2016.

Autores do Projeto:

Pesquisador responsável: Desirée De Vit Begrow



Pesquisador Colaborador: Bianca Bogarin Barreto

